



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ARTES

CASSANDRA BATISTA PEIXOTO ORMACHEA

DE PALHAÇA E VELHOS: VOZES DRAMÁTICAS NO CONTEXTO ASILAR

*FROM CLOWN AND ELDERLY PEOPLE: DRAMATIC VOICES IN THE ASYLUM
CONTEXT*

CAMPINAS

2017

CASSANDRA BATISTA PEIXOTO ORMACHEA

DE PALHAÇA E VELHOS: VOZES DRAMÁTICAS NO CONTEXTO ASILAR

*FROM CLOWN AND ELDERLY PEOPLE: DRAMATIC VOICES IN THE ASYLUM
CONTEXT*

Dissertação apresentada ao Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Mestra em Artes da Cena, na Área de Concentração: Teatro, Dança e Performance.

Dissertation presented to the Art Institute of the University of Campinas in partial fulfillment of the requirements for the degree of Master in Performing Arts in the Concentration Area: Theatre, Dance and Performance.

ORIENTADORA: ISA ETEL KOPELMAN

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À VERSÃO
FINAL DA DISSERTAÇÃO DEFENDIDA PELA
ALUNA CASSANDRA BATISTA PEIXOTO ORMACHEA,
E ORIENTADA PELA PROFA. DRA. ISA ETEL KOPELMAN.

CAMPINAS

2017

Agência(s) de fomento e nº(s) de processo(s): Não se aplica.

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Artes
Sílvia Regina Shiroma - CRB 8/8180

Or56d Ormachea, Cassandra Batista Peixoto, 1992-
De palhaça e velhos : vozes dramáticas no contexto asilar / Cassandra
Batista Peixoto Ormachea. – Campinas, SP : [s.n.], 2017.

Orientador: Isa Etel Kopelman.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de
Artes.

1. Performance (Arte). 2. Teatro e idosos. 3. Asilo para idosos. 4.
Palhaços. 5. Palhaços na arte. 6. Velhice - Pesquisa. 7. Interação social na
velhice. I. Kopelman, Isa Etel, 1946-. II. Universidade Estadual de Campinas.
Instituto de Artes. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: From clown and elderly people : dramatic voices in the asylum
context

Palavras-chave em Inglês:

Performance art

Theater and older people

Old age homes

Clowns

Clowns in art

Old age - Research

Social interaction in aged

Área de concentração: Teatro, Dança e Performance

Titulação: Mestra em Artes da Cena

Banca examinadora:

Isa Etel Kopelman [Orientador]

Larissa de Oliveira Neves Catalão

André Carrico

Data de defesa: 10-02-2017

Programa de Pós-Graduação: Artes da Cena

BANCA EXAMINADORA DA DEFESA DE MESTRADO

CASSANDRA BATISTA PEIXOTO ORMACHEA

ORIENTADOR(A): PROFA. DRA. ISA ETEL KOPELMAN

MEMBROS:

1. PROFA. DRA. ISA ETEL KOPELMAN
2. PROF(A). DR(A). LARISSA DE OLIVEIRA NEVES CATALÃO
3. PROF(A). DR(A). ANDRÉ CARRICO

Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena do Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas.

A ata de defesa com as respectivas assinaturas dos membros da banca examinadora encontra-se no processo de vida acadêmica do aluno.

DATA: 10.02.2017

Aos velhos asilados.

AGRADECIMENTOS

A Deus.

À Isolda, ao Maurício, ao Caio, ao Fabricio, a meus familiares e amigos pelo amor, incentivo e pelas risadas.

À professora Isa pela excepcional orientação, por tamanha generosidade, dedicação e cuidado.

Às instituições asilares.

Às professoras Vilma e Elizabeth pelas contribuições no exame de qualificação.

À professora Larissa e ao professor André pelas contribuições no exame de defesa.

RESUMO

A presente dissertação trata das intervenções realizadas por uma palhaça, Chiquinha, em três casas de repouso de Campinas (SP) em 2015 e da elaboração da dramaturgia *Casa*. Apresenta aspectos e questões pertinentes ao contexto asilar e à velhice, também discute a atuação da palhaça Chiquinha e seus procedimentos. Por fim, *Casa* é apresentada como resultado artístico dessa investigação.

ABSTRACT

This dissertation deals with the interventions performed by a clown, Chiquinha, in three rest homes in Campinas (SP) in 2015 and the elaboration of the dramaturgy *Casa*. It presents aspects and issues relevant to the asylum context and the old age, also discusses Chiquinha's performance and procedures. Finally, *Casa* is presented as the artistic result of this research.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1	12
CAPÍTULO 2	19
CAPÍTULO 3	29
3.1 – PROCEDIMENTOS.....	29
3.2 – UM EXERCÍCIO DE DRAMATURGIA.....	35
CAPÍTULO 4	37
CONCLUSÃO	72
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	73
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	74

INTRODUÇÃO

Esse trabalho tem como objeto um processo de intervenção artística em asilos de idosos. As questões aí envolvidas referem-se à velhice e ao fazer artístico de uma palhaça que tem como recorte a atuação em ambientes adversos, cuja problematização será desenvolvida mais adiante.

No período de fevereiro a dezembro de 2015, trabalhei em três casas de repouso¹ de Campinas (SP). Tratava-se de intervenções da minha palhaça, Chiquinha, junto aos idosos. Nesses onze meses, nossos encontros de 45 minutos se davam semanalmente nos cinco primeiros meses, quinzenalmente no sexto, sétimo e oitavo mês e nos três últimos uma vez por mês. Posteriormente, baseada nessa investigação realizei um exercício de dramaturgia escrita.

Dessas três instituições, uma era pública, abrigava 25 mulheres de faixa etária entre 75 e 105 anos. O edifício deste asilo é uma espécie de galpão no centro da cidade. Ali uma seleção é feita de acordo com a renda priorizando as mais pobres. A equipe de funcionários era composta por assistente social, psicóloga, enfermeira, secretária, porteiro, cuidadora e cozinheira. A assistente social e a psicóloga participavam algumas vezes das atividades, atentas ao lazer das idosas. As duas outras eram privadas e tinham suas particularidades.

Casa de público misto de faixa etária entre 75 a 98 anos, abrigando 20 asilados, situada numa zona mista da cidade, provavelmente teria sido uma moradia de classe média. Com uma equipe de funcionários composta por fisioterapeuta, técnica em enfermagem, auxiliar de enfermagem, auxiliar geral, cozinheira, responsável geral, secretária. A maioria da equipe participava dos encontros, aproveitando aqueles momentos de descontração, interferindo às vezes e também estimulando a participação de todos nos jogos propostos.

A terceira instituição era semelhante a uma chácara e tomava um quarteirão inteiro num bairro residencial. Abrigava igualmente um público misto, mas de maior número, 50 asilados de faixa etária entre 65 a 98 anos. As funcionárias eram a gerente administrativa, secretária, enfermeiras e cozinheiras. As enfermeiras animadas participavam de todos os encontros de forma descontraída.

¹ Os nomes das instituições e dos participantes foram trocados por questão de privacidade.

Nas três instituições, a mobilidade e a saúde dos idosos eram muito semelhantes, alguns com autonomia de locomoção, outros em cadeiras de rodas, outros ainda, mais dependentes, recebendo cuidados intensivos. Nesse contexto, o contato acontecia pela via do sensível, mais por uma linguagem atravessada de afasias do que propriamente uma comunicação dialógica fluente.

Todo esse processo registrado num diário de trabalho mais o experimento de escrita dramatúrgica é exposto e discutido com um apoio bibliográfico. Nessa direção, a dissertação se estrutura do seguinte modo:

O capítulo 1 trata das questões da velhice e do contexto asilar no âmbito do adverso. Essa argumentação é fundamentada em três obras: *O tempo da memória: De senectude e outros escritos autobiográficos* do filósofo Norberto Bobbio; *Memória e Sociedade: Lembranças de velhos* da professora Ecléa Bosi; *Manicômios, prisões e conventos* do antropólogo Erving Goffman.

O capítulo 2 trata da figura do palhaço e de procedimentos cômicos – estes examinados por Vladímir Propp em *Comichidade e Riso* – analisando três espetáculos: *Slava's Snow Show* do palhaço russo Slava Polunin; *Jogando no Quintal* da Companhia do Quintal; *O Circo da Lona Preta* da Trupe Lona Preta. Num recorte mais específico da relação entre espectador e palhaço, detenho-me na atuação da palhaça Chiquinha destacando suas intervenções no ambiente adverso.

O capítulo 3 apresenta os procedimentos das intervenções nos asilos e o processo de criação do experimento dramatúrgico.

O capítulo 4 apresenta o texto da peça *Casa*.

CAPÍTULO 1

Em 2010, nasce uma palhaça ainda sem nome de batismo. Ganha forma aos poucos, aprende com seus colegas². Ingênua, acredita piamente em tudo que se diz por aí. Deixa-se levar pelo encanto das promessas de outros que cruzam seu caminho.³ E foi em meio a um grupo de palhaços que ela descobriu seu nome. Junto ao seu público, ela cresce e aparece! Apresenta-se nos mais variados espaços para as mais diversas plateias.

O contato com um público sem fácil acesso aos espetáculos teatrais, seja por condições socioeconômicas precárias, ou por estado grave de saúde, falta de costume e incentivo cultural, etc. direciona o fazer artístico de Chiquinha para espectadores que se encontram em ambientes adversos ao riso num hospital e casas de repouso.

Sua primeira experiência significativa num espaço diverso do teatro convencional foi numa intervenção cômica numa “feira do rolo”⁴ de um bairro pobre de Campinas (SP).⁵ Ali ela se deparou com pessoas de contexto social muito distinto do público dos teatros centrais de Campinas e região. Chiquinha se encontrava num espaço sem recursos cênicos, numa estrada de terra extensa e estreita, galinhas, patos e cachorros no caminho, objetos expostos no chão, transeuntes com sacolas. Alguns se tornavam espectadores, prestando atenção, atraídos pela cena que estava acontecendo, outros passavam e iam embora. A palhaça tinha que se virar, dialogar, jogar!

Mais tarde, Chiquinha trabalha na ala psiquiátrica de um hospital⁶ com apresentações e jogos realizados em corredores estreitos ou no pátio. Os pacientes

² Alguns colegas-palhaços fizeram parte de sua trajetória, Roberta Casanova (Palhaça Coxines), Alexandre Cartianu (Palhaço Bonifácio), Teófanés Silveira (Palhaço Biribinha), Fernanda Jannuzzelli (Palhaça Begônia), Fernando Cavarozzi (Palhaço Chacovachi). Mas os dois mestres que fundamentaram a formação de Chiquinha foram Ézio Magalhães (Palhaço Zabobrim) e David Bridel.

³ Em esquetes tradicionais de palhaço Chiquinha é a figura ludibriada. No esquete *Abelha, abelhinha* (confira em: BOLOGNESI, Mário Fernando. **Palhaços**. São Paulo: Editora Unesp, 2003, pp.234-236), Chiquinha é enganada duas vezes. Na primeira vez, outro palhaço arma uma pegadinha e lhe cospe água no rosto. Ao tentar fazer a mesma pegadinha com um assistente, Chiquinha se atrapalha e o assistente lhe cospe água.

⁴ A “feira do rolo” é um espaço de troca e venda de objetos usados ou seminovos.

⁵ Intervenção feita no Jardim Campo Belo, periferia de Campinas (SP), com as atrizes Bruna Krasucki e Gabriela Presti em setembro de 2011.

⁶ Hospital das Clínicas da UNICAMP. Uma intervenção semanal com os pacientes no segundo semestre de 2013 com as atrizes Beatriz Coimbra e Cassandra Ormachea, o ator Daniel Melotti e o músico Henrique Cantalogo.

diante das cenas cômicas são estimulados a cantar, dançar, tocar instrumentos, criar raps, contar histórias.

CHIQUINHA: Tinha uns zumbis que estavam de olho aberto, mas não me enxergavam. Eu pulava na frente deles, abanava os braços e eles ficavam parados, olhando através de mim. Ah, estavam no mundo da Lua. E eu.... Meu coração quase saiu pela boca. Tinha uma que babava...aquela baba escorrendo pelo queixo...eu fico assim quando tomo sorvete...faço a maior meleca! Eu ia pegar a fronha do travesseiro, a enfermeira não deixou, eu peguei o travesseiro inteiro e pus debaixo do queixo da moça.... Um outro bem alto chegou para ver o que tava acontecendo, mexia muito os braços...fui procurar um pregador pra pôr no nariz. Aquele que não parava quieto, ficava na minha cola, parecia bicho-carpinteiro, minha sombra... de olhos fundos e pretos, olho de panda. A gente fez uma roda, como um time de futebol em final de campeonato antes de bater os pênaltis, um apoiando e encorajando o outro a fazer o gol. Um chorão começou a cantar uma música, falando das mancadas dele: quando não foi visitar a mãe doente. E eu lembrei do dia em que pisei numa formiga que carregava uma folha.... Abri o berreiro junto com ele. Estávamos profundamente arrependidos. A mulher da baba falou da sua sorveteria e convidou todo mundo pra ir lá. Oba, vai ter sorvete de baba! Tô com fome. Quero um banana Split de morango, flocos, cobertura de brigadeiro e confetes coloridos.⁷

Situações como estas e a própria linguagem das intervenções palhacescas me fizeram refletir sobre questões que atravessam a “atividade dramatúrgica” em ambientes adversos ao riso.

O contexto adverso é o cenário dos excluídos. Grupos que a sociedade não quer ver, os deixados de lado. Os mendigos sujos, os deficientes pedintes, as crianças que vendem bala no semáforo, os bêbados desmaiados nas sarjetas, as prostitutas no meio-fio, os loucos. A sociedade capitalista opta sistematicamente por suprimir suas vozes. Nos sentimos incomodados, como se não fizessem parte da mesma humanidade que nós. A conhecida reflexão de Michel Foucault em *História da Loucura na Idade Clássica*⁸ examina historicamente como as instituições se encarregaram de isolar essas vozes e ocultar esses grupos sociais, e destaca a metáfora dessa questão no quadro *A Nau dos Loucos* de Jerônimo Bosch.

⁷ Caderno de anotações pessoais. Essas anotações referem-se a uma intervenção feita em 2013 na ala da psiquiatria do Hospital das Clínicas da UNICAMP. Nesse dia após a apresentação de um esquete cômico, nós (artistas e pacientes) tivemos um momento em roda de compartilhamento intenso e marcante de emoções, canções e histórias.

⁸ Foucault, Michel. **História da Loucura na Idade Clássica**. Tradução José Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Editora Perspectiva, 1978.

Sobre esse isolamento, Heitor Resende aponta a criação de instituições como a consolidação de uma limpeza social, na medida em que estas são depósitos de pessoas “indesejáveis”:

[...] as medidas legislativas para a repressão foram complementadas com a criação de instituições, as casas de correção e de trabalho e os chamados hospitais gerais que, apesar do nome, não tinham qualquer função curativa. Destinavam-se a limpar as cidades dos mendigos e anti-sociais em geral, a prover trabalho para os desocupados, punir a ociosidade e reeducar para a moralidade mediante instrução religiosa e moral.⁹

No que diz respeito à marginalização institucional, essa sistemática se repete nos asilos de idosos. As pessoas que aí habitam vivem a impossibilidade de expandir seus horizontes.

Entre os autores que tratam das questões da velhice, dos idosos e das instituições asilares destacamos Norberto Bobbio, Ecléa Bosi e Erving Goffman. O primeiro faz reflexões que partem de sua experiência pessoal numa escrita quase memorial; a pesquisadora Ecléa Bosi trata da condição do velho do ponto de vista socioeconômico partindo do registro de entrevistas com idosos que viveram a maior parte de suas vidas em São Paulo (SP) e o antropólogo Erving Goffman analisa como a estrutura e o regime das instituições totais – entre elas os asilos – mortificam o indivíduo.

Um dos temas fundamentais da senectude é a expectativa de vida. A esse respeito o filósofo italiano Norberto Bobbio aponta a questão confrontando-se com suas próprias limitações enquanto octogenário para discutir a condição do velho no mundo contemporâneo. Ao destacar a velhice do ponto de vista da decadência física, ele menciona os progressos ambigualmente otimistas da medicina.¹⁰

Sobre a crescente expectativa de vida, Bobbio considera nesses avanços a possibilidade de uma longa espera pela morte: “nem tanto nos faz viver quanto nos impede de morrer”¹¹. Em sua visão crítica e lúcida, o filósofo verifica que a velhice é transformada em mercadoria vendida pela mídia, por meio de propagandas que

⁹ RESENDE, 1987 In: CARDOSO, Rozane Silva. **O jogo clownesco e suas significações no cotidiano asilar**. Dissertação de Mestrado. Programa em Ciência do Movimento Humano. Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, RS, 2001, p.11.

¹⁰ BOBBIO, Norberto. **O tempo da memória: De senectude e outros escritos autobiográficos**. Tradução de Daniela Versiani. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p.17.

¹¹ Ibidem, p.25.

retratam o idoso feliz, bonito, jovial, enérgico fazendo uso de produtos específicos para a sua faixa etária e que ajudam a manter essa imagem. Esse discurso mercadológico da velhice se estende inclusive aos asilos, hospitais e a lugares que exigem um cuidado intensivo.¹²

A imagem de felicidade absoluta vendida pela mídia tem seu contraste nos depoimentos¹³ sem esperança de idosos asilados. Entre os dois extremos – o velho muito feliz e satisfeito consigo mesmo e o velho em desespero completo – Bobbio elenca os velhos resignados, os indiferentes, os mascarados pela eterna juventude, os rebeldes trabalhadores que se esforçam para continuar no ritmo de sempre, os isolados das atividades cotidianas, os recolhidos na reflexão e na prece, os inquietos com suas recordações, os malucos. O próprio autor se considera como um velho melancólico amenizado pelos afetos que o tempo não apagou.¹⁴

Acerca da medicalização mencionada pelo autor, vale ressaltar que no Brasil os velhos estão divididos entre os que tem uma condição socioeconômica que lhes garante um atendimento na rede privada e os outros que dependem da rede pública, grande parte do povo brasileiro. Aqui os avanços da medicina atingem uma pequena parcela da sociedade. Os postos de distribuição de remédios gratuitos não têm toda medicação que a população necessita; os tratamentos de algumas doenças não são subsidiados pelo governo e o tempo de espera para cirurgia pelo Sistema Único de Saúde (SUS) pode levar anos.

Em *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*, a professora Ecléa Bosi verifica a opressão do idoso no nosso sistema capitalista pela sua condição de dependência social e física, dificultosa burocracia para a aposentadoria, necessidade médica não atendida e internação asilar. Nesse sentido, o idoso é qualificado como um inválido social.¹⁵

Uma posição mais digna para o cidadão idoso é a valorização do papel da memória, do aconselhamento, da transmissão de saberes. A relevância de um ancião-sábio ainda se faz presente “nas sociedades tradicionais e estáticas, que evoluem lentamente”¹⁶. Paradoxalmente, vivemos em sociedades desenvolvidas, onde os

¹² Ibidem, p.26.

¹³ Depoimentos em: PETRIGNANI, Sandra. **Vecchi**. Roma-Nápolis: Theoria, 1994.

¹⁴ BOBBIO, op. cit., pp.26-32.

¹⁵ BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de velhos**. 13ª Edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, passim.

¹⁶ BOBBIO, op. cit., p.20.

jovens acompanham o ritmo das transformações aceleradas e os idosos não.¹⁷ Daí a supressão do velho e seu isolamento na sociedade de competição e lucro.

A internação do velho é definitiva, ele sabe que não vai mais sair, o asilo tem um caráter terminal, como fim de linha. Por outro lado, no hospital, a expectativa é que a pessoa fique internada por um período e depois receba alta; no orfanato, a criança cresce e segue sua vida. Enquanto internado, o idoso é impossibilitado de conviver com a família, compartilhar da criação dos netos, participar de atividades com amigos e cuidar dos animais de estimação, do jardim, da horta.

Na convivência social o cidadão tende a dormir, brincar e trabalhar em lugares diferentes com pessoas distintas sob várias autoridades. Porém, na vida dentro de instituições como presídios, manicômios, conventos e asilos, as atividades acontecem no mesmo espaço sob uma única autoridade. Estes locais são classificados por Erving Goffman como instituições totais¹⁸, em que a equipe dirigente impõe afazeres ao grupo de internados sob constante vigilância. Aí são exercidas várias formas de mutilação do indivíduo: no rompimento do vínculo com a vida anterior, nos apelidos e xingamentos, no tratamento da pessoa como se ela não estivesse presente, na privação de seus bens de higiene e cuidados pessoais, na rotina imposta que não lhe é usual nem agradável, na perda do controle de suas informações íntimas, na subordinação ao outro para realizar ações simples – beber um copo d'água, usar o telefone, acender o cigarro, ir ao banheiro.¹⁹

O regime institucional perturba e desconstrói ações que na sociedade civil atestam certa autonomia do indivíduo. A impossibilidade de ajustar as atividades de acordo com suas necessidades rebaixa o internado à uma condição infantil.²⁰ Sobre a mortificação do indivíduo, vale relatar situações de humilhação que presenciei nas casas de repouso. Algumas vezes, as funcionárias negavam ou postergavam as idas ao banheiro. As enfermeiras zombavam com frequência de certos idosos, tratando-os por apelidos maldosos e debochando de suas intimidades. Testemunhei ameaças de asilados contra seus pares em forma de “brincadeira”. Vi um velho atrevido tocando sem permissão algumas senhoras.

¹⁷ Ibidem, p. 20.

¹⁸ GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo, Editora Perspectiva, 2008, pp.17 e 18.

¹⁹ Ibidem, passim.

²⁰ Ibidem, passim.

Nesse contexto, uma das questões pertinentes diz respeito à relevância e ao sentido do trabalho artístico. Aí os recursos da arte efetivamente intervêm e podem transgredir a natureza rígida e hierárquica das relações institucionais. A arte da cena abre possibilidades às novas formas de ver e sentir a realidade, cria uma atmosfera poética que ultrapassa as realidades cotidianas, em outras palavras, atinge o inefável e o invisível.

A ação do artista pode despertar novos sentimentos e impulsos criativos, tocando o outro numa potencial transformação. O cunho artístico, ético e social do trabalho alinha-se com a perspectiva do *ativismo*²¹. Aqui a palavra *transformar* refere-se ao despertar da sensibilidade a partir da intervenção da e na cena. O ativismo abre possibilidades alternativas ao fazer artístico enquanto arte de afetação, de um contato mais direto com a comunidade e desse modo estimula resistência e transformação. Traduz o pensamento estético para ações diretas nas comunidades marginalizadas. Nesse sentido, a intervenção do artista pode ser considerada um *gatilho* para potenciais desdobramentos.

Nesta investigação, a ação da comediante atravessada pelo riso busca o poder transformador: “o riso tem por função precisamente reprimir as tendências separatistas. O seu papel é corrigir a rigidez convertendo-a em maleabilidade, reajustar cada um a todos, enfim, abrandar as angulosidades”²². Em situações de dor física e emocional, o humor e a energia do riso relaxam o corpo e o espírito. O próprio alívio da tensão em si é uma possível mudança, já que o relaxamento cômico abre fissuras no que está engessado.

Nos asilos, a transformação acontecia em momentos reveladores do jogo. As dinâmicas lúdicas e divertidas incitavam relatos e expressões de memória. As falas dos idosos funcionavam como um exercício de recordação, como um refazer dos caminhos vividos, para alguns as lembranças recorrentes se tornavam mais nítidas. Nascia uma dramaturgia de vozes sistematicamente silenciadas. Os artistas da cena, coautores desse discurso, eram os participantes de nossos encontros numa via de mão dupla entre quem atua e quem assiste.

²¹ Ativismo é uma palavra composta por aglutinação, no caso, é a fusão das palavras: arte + ativismo = ativismo.

²² BERGSON, Henri. **O Riso: ensaio sobre a significação do cômico**. Tradução de Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: 2ª. ed. Zahar Editores, 1983, parte III do Capítulo III.

Nas instituições asilares, as intervenções poéticas e performativas da palhaça Chiquinha integravam os participantes – direção, enfermeiras e idosos – considerando-os nas suas individualidades. Ao longo do ano, Chiquinha e idosos desenvolveram cumplicidade, confiança, afeto, intimidade; a cada encontro brincadeiras e conversas ganhavam novas nuances. Ao entrar no cotidiano do asilo, Chiquinha animava o ambiente carregado de tristeza e carências. Com pequenos gestos e ações mínimas, Chiquinha olha nos olhos, aperta as mãos, abraça e beija cada participante, explorando as possibilidades do contato físico e afetivo. As pequenas subversões acontecem na perspectiva do sensível, no toque de almas e peles.

O palhaço, simbolicamente do avesso, vai na contramão das convicções sociais e ultrapassa os limites impostos pelo sistema. Nos asilos, o jogo da palhaça flexibilizou a rigidez da rotina institucional e foi abrindo fissuras nesse ambiente de adversidade. Suas intervenções subvertiam a marginalização habitual, levando afeto, energia e vigor aos que carregam o peso do fim da vida.

CAPÍTULO 2

“o palhaço incorpora os personagens da fantástica criatura que expressa o aspecto irracional do homem, o instinto, tanto dos rebeldes e dos protestantes contra a ordem superior, que está em cada um de nós. É uma caricatura do homem em seus aspectos de animais e bebê, zombado e zombador. O palhaço é um espelho no qual o homem se vê na imagem deformada, grotesca, engraçada.”

Federico Fellini²³

A palhaça Chiquinha é a persona que conduz a pesquisa prática e a peça – Casa – elaborada a partir dessa investigação. Nesse sentido, tratamos das questões que envolvem a figura do palhaço, seus procedimentos e suas tradições.

O palhaço faz uso de suas habilidades para criar e dinamizar esquemas cômicos, parodiar números circenses e reinventar esquetes tradicionais²⁴. A versatilidade de técnicas – acrobacias, malabares, arame de equilíbrio, rola-rola, perna de pau, pirofagia etc. – amplia a gama de possibilidades do jogo cômico. No espetáculo, a estrutura combinada e as marcações ensaiadas geralmente se mantêm, mas os imprevistos ou acontecimentos interessantes da relação palhaço-plateia são incorporados na dinâmica da cena. A prontidão para o imprevisto é parte intrínseca da arte cômica.

Nas origens do circo²⁵, o palhaço assume uma postura desajeitada e irreverente parodiando números de outros artistas. Não tendo a conduta de um cavaleiro, ele cria seu *modus operandi*, cai de um lado da cela, passa por debaixo do cavalo, não desiste, monta na posição contrária, cai do outro lado etc. Tal número

²³ FELLINI, Federico. Clown. In: TERMINE, Liborio (Org.). **Storia del comico e del riso: Itinerari antologici nella cultura e nell'arte**. Testo & Immagine, 2003, p. 441, tradução livre.

No original: “il clown incarna i caratteri della creatura fantastica, che esprime l'aspetto irrazionale dell'uomo, la componente dell'istinto, quel tanto di ribelle e di contestatario contro l'ordine superiore che è in ciascuno di noi. È una caricatura dell'uomo nei suoi aspetti di animale e di bambino, di sbeffeggiato e di sbeffeggiatore. Il clown è uno specchio in cui l'uomo si rivede in grottesca, deforme, buffa immagine”

²⁴ Ver esquetes tradicionais em: BOLOGNESI, Mário Fernando. **Palhaços**. São Paulo: Editora Unesp, 2003, Parte II.

²⁵ Ver história do circo em: BOLOGNESI, Mário Fernando. **Palhaços**. São Paulo: Editora Unesp, 2003.

requer domínio da técnica, entretanto, o palhaço simula total ignorância da arte equestre. A paródia e a improvisação estão sempre presentes no seu ofício.

Philippe Gaulier²⁶ menciona numa anedota alegórica a entrada de dois empregados ao acaso no picadeiro. Um alto e magro, Joe, outro baixo e gordo, Jim; amigos de infância, dois grandes idiotas. Um dia, o baixinho chega mais cedo que o amigo, se dirige aos camarins para arrumar os figurinos. Está completamente entediado. Olha para o figurino de Joe e cobiça-o. Tomado de uma inveja incontrolável, Jim veste as calças largas, o paletó gigante, os sapatos grandes e o chapéu que lhe cai sobre o nariz. Intrigado, Joe entra no camarim só de cueca, procurando sua roupa. Do outro lado da sala, Jim tira sarro: “Peguei seu figurino! Peguei seu figurino! Lá, lá, lá, lá, lá.... lá, lá, lá, lá!!!”. Joe furioso avança em direção a Jim, que corre assustado. Na sua fuga desesperada, Jim abre uma porta e: Bum! Entra no picadeiro quando seu chefe está realizando uma manobra difícilíssima em cima do cavalo. Jim paralisa. Segundos depois, entra Joe só de cuecão. Ele percebe que há algo de errado. O público não se contém e vai ao delírio! Os dois são ovacionados! Nasce uma brilhante dupla de palhaços.

O palhaço se guia por uma lógica particular de se relacionar com objetos, espaço e com o outro. A sua máscara contempla duas figuras que se contrapõem no jogo cômico: o Branco (dominador) e o Augusto (dominado). Federico Fellini explicita os traços das duas personas palhacescas:

As duas figuras são, de fato, o Palhaço Branco e o Augusto. O primeiro é a elegância, a graça, a harmonia, a inteligência, a lucidez, que se propõem como moralidades, como as situações ideais, as únicas, as divindades indiscutíveis [...]. Resumindo, "aquilo que se deve fazer". Então, o Augusto que ficaria fascinado com tal perfeição, não fosse ostentada com tanto rigor, se revolta. [...] O Augusto, que é a criança que caga nas calças, se rebela a tal perfeição; fica bêbado [...] [Trata-se de] uma disputa perpétua. Esta, então, é a luta entre o culto soberbo da razão (que trata de um esteticismo proposto com prepotência) e o instinto, a liberdade do instinto. O Palhaço Branco e o Augusto são a professora e a criança, a mãe e o filho travesso, pode-se dizer, por fim: o anjo com a espada flamejante e o pecador. Em suma, eles são duas

²⁶ GAULIER, Philippe. **O atormentador: minhas ideias sobre teatro**. Tradução de Marcelo Gomes. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2016, pp.177 e 178.

faces psicológicas do homem: o impulso para cima e o impulso para baixo, divididos, separados²⁷

As duas personas revelam características marcantes que conduzem sua atuação. O temperamento básico de cada palhaço aproxima-se de um desses tipos, moldando sua personalidade e demais qualidades. A máscara palhacesca é uma caricatura, uma dilatação e ampliação do próprio artista.

Na tradição circense, o Branco veste-se como os aristocratas, com roupas muito elegantes e brilhantes, usa um chapéu branco em forma de cone. Seu rosto é coberto de maquiagem branca com poucos traços pretos, normalmente evidenciando as sobrancelhas; as orelhas e os lábios são pintados de vermelho. Já a caracterização do Augusto é composta de roupas desproporcionais ao seu tamanho. A maquiagem não cobre o rosto todo, resalta os olhos e a boca com branco, preto e vermelho. É dele a menor máscara do mundo: o nariz vermelho – traço de embriaguez, choro e tropeço.

No âmbito simbólico, o palhaço revela uma parte do arquétipo²⁸ jungiano do Trickster. Jung destaca suas travessuras astutas, divertidas ou malignas; sua natureza animal e divina. O Trickster, o herói ao avesso, faz da sombra, do lado obscuro do ser humano a matéria-prima para a cura e a comicidade. Nos ambientes adversos, o palhaço lida com seus próprios aspectos sombrios. Nessa direção, associo-o também à figura mitológica grega do Quiron, um centauro sábio atingido pela flecha de Hércules. Com a ferida aberta, Quiron curou outras pessoas. O palhaço, esse herói negativo, alcança de forma estúpida o que outros não conseguem com maior virtuosismo.²⁹

No jogo cômico, a tolice é risível e o inesperado é contemplado. Porém, o acidente e o imprevisto acontecem em meio a uma estrutura elaborada. Essa estrutura – a repetição de ações, quebra de expectativa, paródia – é investigada em *Comicidade*

²⁷ FELLINI. In: TERMINE, 2003, p. 442, tradução livre. No original: “Le due figure sono, infatti, il clown bianco e l’augusto. Il primo è l’eleganza, la grazia, l’armonia, l’intelligenza, la lucidità, che si propongono moralisticamente come le situazioni ideali, le unche, le divinità indiscutibili [...] insomma “quello che si deve fare”. Allora l’augusto, che subirebbe il fascino di queste perfezioni se non fossero ostentate com tanto rigore, si rivolta. [...] L’augusto, che è il bambino che si caca sotto, si ribella a una simile perfezione; si ubriaca [...], perciò, una contestazione perpetua. Questa è, dunque, la lotta tra il culto superbo della ragione (che giunge a un estetismo proposto com prepotenza) e l’istinto, la libertà dell’istinto. Il clown bianco e l’augusto sono la maestra e il bambino, la madre e il figlio monello; si potrebbe dire, infine: l’angelo con la spada fiammeggiante e il peccatore. Insomma, essi sono due atteggiamenti psicologici dell’uomo: la spinta verso l’alto e la spinta verso il basso, divise, separate”

²⁸ Segundo Jung em *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*, arquétipos são “os conteúdos do inconsciente coletivo” (2000, p.16).

²⁹ Ibidem, p. 251.

e *Riso*³⁰. Aí Vladímir Propp discute as particularidades do cômico, os motivos e os conteúdos do riso também pertinentes ao jogo do palhaço. O espetáculo *Slava's Snow Show*³¹ do palhaço russo Slava Polunin³² – apresentado em palco italiano³³ com grande diversidade de recursos cênicos – revela grande parte desses elementos e procedimentos.

O espetáculo tem início com Slava entrando lentamente no palco segurando um pedaço de corda. O clima é solene e triste. Ele coloca a corda no pescoço e ajusta. São movimentos marcados e precisos. Ele puxa o resto da corda que vem da coxia³⁴, variando o ritmo das puxadas. Quando percebe o final da corda chegando, dá um puxão forte! Na ponta da corda aparece outro palhaço com figurino idêntico ao de Slava, também com a corda no pescoço. O clima torna-se misterioso. Daí em diante as ações se repetem, quase espelhadas. A comicidade da cena se dá pela repetição de figuras, quebra de expectativa e pelo disforme.

A respeito da repetição, Propp comenta que esse recurso banaliza qualquer ação significativa mais profunda e/ou solene, reduzindo sua importância e tornando-a ridícula.³⁵ A duplicação de palhaços com tendências autodestrutivas ultrapassa a gravidade da tentativa de suicídio. A “repentina e inesperada descoberta”³⁶ desse desvio da norma suscita o riso. A aparição do segundo palhaço suicida revela a anormalidade da situação, transformando a seriedade em comicidade.

Em outra cena, Slava parodia um casal que conversa ao telefone. O riso se dá quando Slava imita as expressões da mulher conversando com seu amado, reforçando gracejos e trejeitos afeminados. A caracterização do palhaço – cabelo branco arrepiado, calvície aparente, barba por fazer, grande nariz vermelho, pijama macacão amarelo, pantufas vermelhas de pom pom – não condiz com o jeito delicado

³⁰ PROPP, Vladímir. **Comicidade e Riso**. Tradução de Aurora Fornoni Bernadini e Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Ática S.A., 1992, p.58.

³¹ Espetáculo apresentado em 2010. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=bc037S4S1jo> (acessado em 17/12/2016 às 17:00).

³² Durante muitos anos, o renomado palhaço russo Slava Polunin estudou novos caminhos para a arte da palhaçaria, investigando a possibilidade lírica, poética, dramática ou trágica. Por seu palhaço ser versátil e multifacetado, surgiu a ideia de transformar cada faceta de seu caráter em uma personagem separada, diferente uma da outra, mas reconhecível e familiar para cada membro da plateia. Assim, Slava criou o espetáculo *Slava's Snow Show* que viabilizou suas ideias, desejos e as ilimitadas possibilidades do palhaço, evocando o mundo dos sonhos, das fantasias e da infância. Mais informações em <http://slavasnowshow.com/en/who-is-slava/> (acessado em 19/02/2017 às 21:00).

³³ No palco italiano, os espectadores assistem ao espetáculo de frente.

³⁴ Coxia é a parte lateral e detrás do palco de teatro, onde a plateia não tem acesso, somente os artistas e a equipe de produção.

³⁵ PROPP, 1992, p.58.

³⁶ Ibidem, p.56.

e as reações estilizadas de choro, alegria e paixão da personagem feminina, por isso, é tão engraçado. Numa versão anterior de 1981³⁷ da mesma cena, Slava fazendo uso do exagero cômico, destaca com vigor e agilidade as expectativas e nuances do casal. Parodia a atitude apaixonada feminina e a postura firme e colérica masculina. Quase trinta anos depois, na versão de 2010³⁸, o casal ganha uma especificidade, são idosos orientais. As ações têm um ritmo mais dilatado, a energia é concentrada nas sutilezas. Os corpos e reações das personas que o palhaço encarna ganham um desenho mais consistente e preciso. Agora Slava se encontra mais à vontade em cena, aproveitando o tempo de cada ação, sem pressa, dominando o jogo elaborado da cena e o improviso com o público – quando um espectador ri alto, Slava faz um sinal para ele se calar, a plateia ri.

Neste caso, a paródia é o elemento condutor e é cômica por revelar a fragilidade interior daquilo que é parodiado. É um recurso que realça traços exteriores do acontecimento sem o conteúdo interior.³⁹ Slava atenta à fisicalidade da mulher e do homem, conduzindo as nuances de cada ação de acordo com o temperamento dominante de cada persona. A comicidade se dá no exagero e estilização das ações exteriores que explicitam a vulnerabilidade das figuras.

No esquete da cadeira⁴⁰, o palco está escuro e o foco de luz recorta um palhaço sentado numa cadeira torta. Em poucos segundos, o palhaço cai da cadeira e a luz apaga. Segundos depois, a cena se repete. Na terceira vez quando o foco de luz abre, o público espera que o palhaço caia de novo, mas o “tempo justo” da ação – os poucos segundos entre a abertura da luz e as quedas anteriores – já passou. Nesse momento, há uma quebra de expectativa: o palhaço não cai e brinca com isso, reagindo como se esperasse por algo. Até que ele observa uma garrafa sobre a mesa, na sua tentativa de pegá-la ele cai da cadeira de novo.

No esquete acima, observa-se a repetição de ações e as quebras de expectativa. O espectador aguarda mais uma queda que não acontece. Então, o

³⁷ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=S1zuAWiNQfE&t=130s> (acessado em 17/12/16 às 16:30).

³⁸ No vídeo, essa cena acontece dos 41min05s até 45min20s. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=bc037S4S1jo> (acessado em 17/12/16 às 17:00).

³⁹ PROPP, 1992, p.87.

⁴⁰ No vídeo, essa cena acontece dos 45min20s até 46min22s. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=bc037S4S1jo> (acessado em 17/12/16 às 17:00).

público “esquece” dessa ação. Porém, ao tentar pegar a garrafa da mesa, o palhaço cai, ou seja, a repetição é retomada pela ação inesperada⁴¹.

Ainda na cena de *Slava's Snow Show*, surge um coro de palhaços aviadores. O seu figurino lhes dá uma identidade de grupo – chapéu de aviador com orelhas gigantes estilizadas, sobretudo verde cobrindo o corpo e sapatos pretos compridos, lembrando pés de pinguim. Por outro lado, trata-se de um grupo composto por palhaços distintos com particularidades físicas marcadas. Um palhaço muito baixo e atarracado entra em cena, em seguida um palhaço muito alto e magro. Vê-se a personalidade de cada um pelas suas ações, passividade ou hiperatividade, delicadeza ou falta de jeito, excesso de confiança ou insegurança, etc. Esse grupo faz uso do que Propp denomina de “comicidade da semelhança”⁴².

Por vezes os palhaços revelam alguns aspectos que os tornam idênticos e outros que os diferenciam. A repetição de personas é cômica. No caso acima, a multiplicação de figuras, como uma grande família, vários irmãos semelhantes suscita o riso. Eles se deslocam em conjunto e/ou de forma coordenada, o coro-família de palhaços brinca com a repetição. No entreato do espetáculo, avançam na plateia, atravessando-a por cima dos bancos, pisando nos encostos com ajuda dos espectadores. Sentam, deitam, jogam água e papel picotado, pegam pertences das pessoas, sequestram uma espectadora e carregam-na para o palco, uma anarquia enfim. Nesse quadro, os acidentes são incorporados ao jogo, criando novas situações e relações.

Numa outra vertente se faz necessário falar de espetáculos onde a interação entre público e palhaços fundamenta todo o jogo cênico. É o caso de *Jogando no Quintal – jogo de improvisação de palhaços* da Companhia do Quintal⁴³. Aí a criação da dramaturgia se dá de forma colaborativa e o espaço da cena é mais fluído. Na semi-arena imitando um jogo de futebol, os atletas-palhaços se apresentam em duas equipes. O árbitro-palhaço, mediador, interage intimamente com o público – ele vai até os espectadores que sugerem os temas – e esclarece as regras. A competição se dá em meio as mais variadas improvisações. O acaso impulsiona a

⁴¹ Sobre a expectativa frustrada ver em: PROPP, 1992, p.145.

⁴² PROPP, 1992, pp. 55-58.

⁴³ A Companhia do Quintal é um grupo paulistano de teatro fundado em 2002 e dirigido por César Gouvêa. A Cia. investiga o diálogo entre improvisação e palhaço. Seus espetáculos são: *Jogando no Quintal – jogo de improvisação de palhaços*, *A Rainha Procura*, *Passageiros*, *Histórias Descubiertas*, *O Mágico de Nós*. Mais informações em <http://www.jogandonquintal.com.br>.

interação lúdica. Esse grupo tem uma estrutura completamente aberta ao improviso. Já no *O Circo da Lona Preta* espetáculo de rua da Trupe Lona Preta⁴⁴ essa estrutura se coloca em outros termos.

A dupla de palhaços Rabiola e Chico Remela traz o imaginário da periferia às cenas tradicionais da palhaçaria. O espetáculo é estruturado, entretanto, os palhaços não se apoiam em um texto escrito, construindo as cenas no improviso e na interação com o público. Em espaços de exclusão – vielas, ruas, praças, escolas periféricas – a Trupe da Lona Preta intervém de forma contundente, criando “práticas artísticas que contrapõem a lógica desumanizadora da mercadoria, fazendo coro com expressões de resistência”⁴⁵. Imprimindo sua identidade na escolha de lugares à margem, eventualmente sem recursos cênicos, iluminação e cenografia.

Uma intervenção mais direta em comunidades excluídas é uma possível vertente de trabalho. É essa a perspectiva da palhaça Chiquinha. Afetivamente comprometida com os ambientes adversos, ela não parte do repertório tradicional da palhaçaria – entradas e reprises⁴⁶ – como a Trupe da Lona Preta, mas recorre fundamentalmente ao improviso na mesma direção da Companhia do Quintal. A palhaça cria um plano de ação mutável. Nas situações ela se coloca em permanente diálogo numa linguagem não autoritária. Chiquinha surge no picadeiro⁴⁷, enfrentando situações de exposição e pressão. Depara-se com o público e imediatamente tem que fazer rir, tem que ser engraçada.

Foi a sua primeira entrada no picadeiro.⁴⁸ Fez flexões de braço até a exaustão, o público a encarou, não acharam a menor graça. Não desistiu, fez 20 abdominais contando em voz alta e o público se entediou. Mas ela insistiu, não desistiu, deu uma estrela como a Daiane dos Santos⁴⁹, ninguém reagiu. Ficou perdida, não sabia mais o que fazer, estava constrangida e com medo; aí o público riu.

⁴⁴ A Trupe Lona Preta é um grupo de artistas de diversas linguagens (música, teatro, artes plásticas e cinema) que atua em bairros e comunidades da região metropolitana de São Paulo desde 2005. Pesquisa a linguagem do palhaço e busca construir uma prática teatral que dialogue com a realidade à sua volta.

⁴⁵ Disponível em <http://trupelonapreta.blogspot.com.br/p/o-circo-da-lona-preta.html> (acessado em 30/12/2016 às 10:30).

⁴⁶ Entradas são esquetes curtos e reprises são paródias das atrações circenses. Mais informações em BOLOGNESI, Mário Fernando. Palhaços. São Paulo: Editora Unesp, 2003.

⁴⁷ Me refiro ao espaço da cena que serve de local para as improvisações e apresentações dos palhaços. O público senta-se no chão na parte oposta.

⁴⁸ Esta entrada no picadeiro aconteceu em agosto de 2010 e foi o primeiro contato de Chiquinha com o público.

⁴⁹ Ginasta brasileira.

Chiquinha não entendeu o que aconteceu, por que estavam rindo dela só agora?! Estava espantada e indignada. Esse desconforto era visível e isso que interessava ao público. A palhaça desarmada, perdida, mas porosa às reações da plateia.

Hoje, não busca ações grandiosas e espetacularizadas nem a graça a todo custo. Trabalha com pequenas ações – é minimalista – focadas em algum detalhe de seu corpo. Sua atuação não tem caráter caricaturesco, estilizado. Atualmente, Chiquinha entra no picadeiro e se diverte. Primeiro estabelece uma relação de cumplicidade com o público através do olho-no-olho⁵⁰. A conexão com os espectadores passa pelos humores de cada um – um espectador é mau-encarado, uma outra simpática, um está atento, outra ainda entediada. Na sequência desse “contato íntimo”, ela se prepara para o seu grande número: com a boca fechada, Chiquinha passa a língua pelas bochechas completando uma volta. O público ri de seu empenho grandioso na ação simplória. Se algo gera desconforto em cena, ela usa isso a seu favor, compartilhando com a plateia. Esse tipo de número e suas variações fazem parte de seu repertório.

Chiquinha tem diferentes traços de caráter. Ela se atrapalha consigo mesma, é da paz, tenta apaziguar brigas. Ama guloseimas, docinhos, brincar com seu porquinho de estimação, o Zé, que toma conta da sua casa. Seu rosto é quase sem maquiagem, mas não dispensa o nariz vermelho.

A palhaça revela uma lógica infantil que pensa por analogias⁵¹, joga com palavras parônimas, a grafia e a pronúncia são parecidas, mas os conteúdos semânticos diferentes. Na peça *Casa*, quando a personagem Dulce Maria menciona a cantora Dolores Duran, Chiquinha pergunta: essa tal de Dolores é durona mesmo? Um tipo de enunciação que Propp trata como alogismo.

O alogismo remete a algo alógico: “que não é lógico nem ilógico, pois não se submete aos princípios nem às regras da lógica”⁵². Para Propp⁵³ o riso se dá quando a ignorância oculta é manifesta por palavras ou ações. É daí que todos tomam conhecimento da tolice. Esse recurso, talvez a forma mais comum de comicidade, deriva da completa estupidez do indivíduo que não consegue ligar causas e efeitos.

⁵⁰ Esta cumplicidade entre palhaça-espectador(a) é chamada de *ponte* por Ésio Magalhães.

⁵¹ Propp afirma que as crianças pensam por analogias para orientar-se no mundo, e só muito mais tarde elas desenvolvem reflexões sobre os eventos que ocorrem. (1992, p.110).

⁵² Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=al%C3%B3gico> (acessado em 19/12/16 às 23:25).

⁵³ PROPP, 1992, pp.107 e 108.

“O bobo vê o mundo distorcido, tira conclusões erradas [...]. Mas as suas motivações internas são as melhores possíveis”⁵⁴. Esse bobo está inteiramente presente em uma das facetas do palhaço, o Augusto. Tradicionalmente, cada faceta da máscara do palhaço é individualizada num sujeito. A persona Chiquinha naturalmente se revela Augusto na relação de status e poder da tradicional dupla cômica – o palhaço Branco e o Augusto.

Entretanto, nas casas de repouso, Chiquinha ora assume a função de Augusto, ora de Branco. Enquanto Augusto, ela surge na ação descompassada: tropeçar na pedra, sentar na cadeira quebrada, ficar com a perna presa entre os braços do sofá, escorregar durante a dança etc. Como Branco, ela organiza e direciona o jogo dramático.

Por outro lado, essa troca entre Augusto e Branco também se dá com os idosos que participam dos jogos propostos por Chiquinha. Quando os velhos se metem em confusão – um joga a bola no outro; alguém levanta e sai andando com a intenção de ir embora; quando brigam e se xingam – eles se revelam Augustos. Assumem a voz do Branco ao repreender e insultar os outros participantes, estabelecendo uma relação temporária de poder com seu/sua companheiro(a). Em Casa, Bonitinha (personagem da peça) imperativamente quer castigar outra asilada que errou na brincadeira *Passa Anel*. Chiquinha, da paz, tenta amenizar a situação como Augusto. Esta troca de funções entre Chiquinha e idosos, Branco e Augusto atravessa a dinâmica do jogo cômico no contexto asilar.

Na relação com a equipe dirigente, Chiquinha é Augusto, está sob a fiscalização das funcionárias. A direção e as funcionárias dos asilos, enquanto personas da peça Casa, são inseridas no grupo de palhaços Brancos pelo caráter repressivo. As funcionárias dizem: “Não faça isso, não faça aquilo...”. Quando o velho manifesta sua vontade própria – dormir durante o dia, sair no meio da atividade, passear – é podado. Seus desejos são mantidos sob as rédeas curtas do regime institucional. Os moradores das casas de repouso são identificados como Augusto, uma vez que este faz tudo o que o idoso gostaria de fazer, mas os vários palhaços Brancos o impedem.

A atuação de Chiquinha é interativa. Essa é inclusive uma expectativa da direção do asilo. Quando o projeto teve início, uma das diretoras destacou a

⁵⁴ PROPP, 1992, p. 113.

necessidade de promover o contato interpessoal entre os idosos, que não tinham uma relação amigável nem uma boa convivência. Ali eles raramente exercem a sociabilidade, embora estejam sempre juntos. Chiquinha propõe jogos com poucas regras que todos podem participar. Suscita um ambiente mais livre em oposição à rigidez e à ordem institucional. Ainda assim, algumas vezes, as funcionárias tentam forçar a participação dos idosos mais “rebeldes” nos jogos.

Muitas vezes há um abismo total entre a palhaça e os velhos, como dois planos distintos. Um mais teatralizado, como paródia palhacesca, e o outro, o dos idosos, quase sem teatralização. Neste plano, os velhos naturalmente apresentam lapsos, momentos de alternância, surtos histéricos, implicâncias. Chiquinha joga com os imprevistos destas manifestações e também com a disposição espacial que se apresenta no momento do jogo, da cena.

Os acontecimentos imprevisíveis, o grande número de participantes, as múltiplas ações e reações simultâneas contribuem para o desenvolvimento artístico de Chiquinha. O contexto asilar demanda ampliação da escuta, estado de prontidão, resposta ágil e criativa. Ao longo do processo nos asilos a palhaça aprimora sua capacidade de improvisação.

Os lugares das intervenções – a sala, o quiosque, o corredor – propunham dinâmicas que se alteravam de acordo com a disposição das pessoas nos respectivos espaços. Na sala, o picadeiro era uma arena, Chiquinha se movimentava constantemente no centro da roda em 360°. No quiosque, a formação era de semi-arena. A disposição dos participantes era em formato de leque. Ao se aproximar de um deles, os outros eram automaticamente incluídos nesse contato. Na formação do corredor, no asilo feminino, a palhaça deslocava-se lateralmente como caranguejo em frente das participantes que ficavam sentadas lado a lado na mesma parede.

A presença solar de Chiquinha nessas instituições asilares provoca todos os presentes, gera excitação, expectativa, ânimo, rebeldia, inquietação. Essas inúmeras reações e situações são a matéria-viva do seu trabalho. Chiquinha se apropria dos acontecimentos e com seus recursos rompe a seriedade do ambiente.

CAPÍTULO 3

3.1 – PROCEDIMENTOS

Parte da metodologia dessa prática artística, que envolveu a seleção e preparação de jogos, deu-se em função da faixa etária (65 a 100 anos), das condições psicofísicas dos participantes, dos espaços disponíveis para a realização das atividades e do tempo de duração de cada uma das intervenções. Para essa prática tomei como base minha experiência e repertório pessoal da linguagem do palhaço e as propostas de *Drama Games & Improvs: Games for the classroom and beyond*⁵⁵.

Do período de 11 meses, nos primeiros cinco meses a programação foi muito definida até o quinto mês com planos de ação mensais. No final do quinto mês, fui estimulada a adotar possibilidades mais abertas de trabalho⁵⁶. As intervenções da palhaça Chiquinha passaram a ter um caráter mais provocativo. Nessa segunda etapa, os encontros foram menos planejados e mais abertos em função do próprio processo criativo dos participantes, ora os idosos escolhiam as atividades, ora Chiquinha fazia propostas.

Cronograma das atividades principais	
1º mês	Música
2º mês	Dinâmicas com bola
3º mês	Brincadeira <i>Passa Anel</i> e dinâmica com bolhas de sabão
4º mês	Criação de narrativa coletiva, leitura de poemas e textos, roda de piadas
5º mês	Jogo <i>Verdade ou Mentira?</i>
6º, 7º, 8º, 9º, 10º e 11º meses	Combinação variada das atividades desenvolvidas nos meses anteriores

⁵⁵ Escrito por Justine Jones e Mary Ann Kelley. Aí as atividades lúdicas são elencadas em unidades de procedimentos – quebrando o gelo, trabalhando em grupo, comunicação não-verbal, controle físico, observação, foco, espontaneidade, improvisação, enredo, conflito, personagem.

O jogo *Verdade ou Mentira?* consta no livro *Drama Games & Improvs: Games for the classroom and beyond*. Já as outras dinâmicas e jogos foram criadas e/ou adaptadas a partir de meu repertório pessoal.

⁵⁶ A vivência com David Bridel no curso intensivo de palhaço em junho de 2015 em Los Angeles (CA) me proporcionou mais recursos improvisacionais.

Os planos de ação de Chiquinha são construídos a partir de conceitos da arte da palhaçaria. Ela adentra no espaço, cumprimenta e conversa brevemente com cada participante, este é um exercício de cumplicidade. Sua primeira proposta coletiva é um aquecimento lúdico de voz e corpo para despertar o grupo e “quebrar o gelo”. Para a atividade principal, Chiquinha escolhe com o que vai trabalhar: ritmo, agilidade, narração, imaginação, atenção. Ela desenvolve o componente escolhido dentro de uma proposta lúdica: música, jogo, brincadeira infantil. Por fim, ela se despede com um *grand finale* pedindo a todos que estendam a mão direita à frente, ela passa comemorando, correndo, batendo nas mãos dos participantes.

Aquecimentos: a palhaça Chiquinha dá instruções aos participantes demonstrando os exercícios. Eles imitam, cada um à sua maneira, os movimentos dela.

Instrução de Chiquinha	O que é
Tremelique labial	Vibração de lábios ⁵⁷
Tremer a língua sorrindo	Vibração de língua sorrindo
Montanha-russa	Vibração de língua em zig-zag
Montanha-russa com looping	Vibração de língua: grave/agudo/grave
Caretas espalhafatosas	Exploração de expressões faciais
Raiva e relaxamento	Fechar e abrir as mãos
Andar de moto	Mexer os punhos e calcanhares
Momento loucura	Chacoalhar a cabeça e as mãos

Repertório Musical: As canções⁵⁸ escolhidas são músicas de rádio, que estabelecem comunicação direta com o público por fazerem parte do imaginário coletivo. Devido a suas particularidades – melodia, ritmo e harmonia – a música dá

⁵⁷ As nomenclaturas “Vibração de lábios, Vibração de língua em zig-zag, Vibração de língua: grave/agudo/grave” são usadas pela minha fonoaudióloga Juliana Lopes de Moraes e referam-se a algumas bases das técnicas vocais universais.

⁵⁸ Nas primeiras intervenções nos asilos, Chiquinha fez uma enquete com os idosos perguntando as preferências musicais de cada um. Assim, o repertório musical foi composto pelas canções mais pedidas pelos idosos.

apoio ao trabalho de Chiquinha, que canta e faz uso de instrumentos percussivos simples – chocalho e pandeiro de plástico – que dinamizam e ditam o ritmo. As músicas mais pedidas estão diretamente associadas às memórias dos participantes, principalmente, a entes falecidos. A seguir lista de músicas cantadas nas intervenções:

Adorinan Barbosa – “Trem das Onze”; “Saudosa Maloca”

Bruno e Marrone – “Choram as rosas”

Carmen Miranda – “Mamãe eu quero”

Cauby Peixoto – “Conceição”

Chico Buarque – “A Banda”; “Apesar de você”

Chitãozinho e Xororó – “No rancho fundo”; “Fio de cabelo”

Dalva de Oliveira e Francisco Alves – “Dois Corações”

Dolores Duran – “A noite do meu bem”

Francisco Petrônio – “O Baile da Saudade”

Jamelão – “Matriz ou filial”

João Roberto Kelly – “Cabeleira do Zezé”

Leandro e Leonardo – “Pense em mim”

Mário Lago e Roberto Martins – “Se essa rua fosse minha”

Orlando Silva – “Jardineira”

Roberto Carlos – “Como é grande meu amor por você”; “Amor Perfeito”; “Baile da Fazenda”

Sérgio Reis – “Menino da porteira”

Vicente Celestino – “Mia Gioconda”

Wanderley Cardoso – “O Bom Rapaz”

Zezé de Camargo e Luciano – “No dia em que saí de casa”

Bola: a média é mais adequada à capacidade motora. O reflexo vagaroso dos idosos restringe a manipulação de bolas pequenas. Meu pai – fisioterapeuta especializado em geriatria – sugeriu o uso de bolas médias para os jogos ficarem mais dinâmicos com o uso da bola maior. Arremessar e agarrar uma bola é uma vitória para pessoas de 80 a 100 anos. A atividade os fez reviver lembranças da juventude, quando muitos brincavam de bola na rua.

As propostas envolvem o jogo da bola para o outro dos seguintes modos:

1 – quicar uma vez no chão

2 – sem deixar cair no chão, arremessar diretamente para quem está na sua frente do outro lado da sala

3 – passar de mão em mão

4 – rolar no chão

5 – pular a pessoa ao lado

Brincadeiras

Passa Anel: Chiquinha é quem passa o anel. Os participantes ficam com as mãos unidas e entreabertas, como uma concha fechada. Chiquinha também fica com as mãos em formato de concha com o anel dentro. Ela passa suas mãos por dentro das mãos dos participantes, escolhe discretamente uma pessoa para deixar o anel. Depois de passar por todos, Chiquinha escolhe outro participante para adivinhar com quem está o anel. Se acertar inicia-se outra rodada. Se errar outra pessoa é escolhida para adivinhar.

Bolhas de sabão: Chiquinha pergunta a cada participante: “Você quer estourar ou soprar as bolhinhas? ”. A partir da escolha de cada um, Chiquinha interage com o participante. Depois de uma rodada por todos, Chiquinha propõe uma competição para ver quem estoura mais bolhinhas. A disputa envolve dois idosos por vez.

Verdade ou Mentira?: Suscita discussão, polêmica e incita os ânimos. No jogo, uma pessoa conta um caso, curto ou longo, e os demais opinam se o relato é verdadeiro ou falso. Nessa situação surgem cenas inflamadas em razão de histórias que tratam de questões éticas. Chiquinha media as discussões e contabiliza os votos.

Leituras e Conversas

Chiquinha sobe em cima de um banco e lê poemas e textos.

O menino que carregava água na peneira (Manoel de Barros)
 Tenho um livro sobre águas e meninos.
 Gostei mais de um menino
 que carregava água na peneira.
 A mãe disse que carregar água na peneira
 era o mesmo que roubar um vento e
 sair correndo com ele para mostrar aos irmãos.
 A mãe disse que era o mesmo
 que catar espinhos na água.

O mesmo que criar peixes no bolso.
 O menino era ligado em despropósitos.
 Quis montar os alicerces
 de uma casa sobre orvalhos.
 A mãe reparou que o menino
 gostava mais do vazio, do que do cheio.
 Falava que vazios são maiores e até infinitos.
 Com o tempo aquele menino
 que era cismado e esquisito,
 porque gostava de carregar água na peneira.
 Com o tempo descobriu que
 escrever seria o mesmo
 que carregar água na peneira.
 No escrever o menino viu
 que era capaz de ser noviça,
 monge ou mendigo ao mesmo tempo.
 O menino aprendeu a usar as palavras.
 Viu que podia fazer peraltagens com as palavras.
 E começou a fazer peraltagens.
 Foi capaz de modificar a tarde botando uma chuva nela.
 O menino fazia prodígios.
 Até fez uma pedra dar flor.
 A mãe reparava o menino com ternura.
 A mãe falou: Meu filho você vai ser poeta!
 Você vai carregar água na peneira a vida toda.
 Você vai encher os vazios
 com as suas peraltagens,
 e algumas pessoas vão te amar por seus despropósitos!

Ser Idoso (Maria Dionésia Santos da Silva de Santa Cruz do Piauí, PI)

Ser idoso
 é ter a coragem de olhar para frente
 E dizer que traz consigo
 um mundo de conhecimento.
 Ser idoso é ser gente.
 Ser idoso
 É poder dizer que tem a dádiva da vida
 E o poder da mente
 Que possui uma vasta experiência
 E carrega em sua guarida
 A realização e a gratidão da existência.
 Ser idoso,
 É ser alguém consciente
 Pedindo a Deus sempre mais anos de vida
 Para viver com os seus
 e ser uma pessoa querida.
 Ser idoso,
 é guardar o que sente
 Do lado bom e ruim das coisas
 Dos momentos que viveu
 E, um dia, tristemente
 Sofreu..
 E num outro dia, alegremente
 Viveu...

E foi feliz
 Como um sábio aprendiz
 Ser idoso
 É aprender, do ontem, a lição
 Hoje, guardada nas eternas lembranças
 Bem no fundo do coração.
 Ser idoso
 é ter no rosto
 A marca da sabedoria
 A experiência de muitos momentos
 Vividos com alegria.
 O que mais lhe entristece
 É a falta de respeito, carinho e atenção
 Dê ao nosso idoso o que ele merece
 E o que queres para ti.
 Não o maltrate, abrace-o de coração
 Porque o que estás hoje a pedir
 Num futuro tão próximo podes conseguir.
 Por isso, tratar bem o idoso
 É meu, é teu, é nosso dever
 Não esqueça que o idoso de hoje
 Amanhã pode ser você,
 Basta ter vida em abundância
 E nem tão cedo morrer.

Alguns participantes intervêm no meio da leitura, fazendo piadas ou solicitações. Em seguida, cada um comenta suas impressões.

Narrativa: Criar uma fábula com as sugestões de cada participante: substantivos, verbos e adjetivos (*Minas Gerais, cozinhar, lixeiro, gesseiro, Serra do Leme, lavoura de café, Campinas, Manuel, balança, nadar, zebra, médico, Maria de Jesus, boi de carro, piano, gostar, Amém, cavalo, amor, cachorro, L, burro, parede, prato, travesseiro, igreja, “É isso aí”, coisa boa, pizza, macarrão, coordenadora, Benedita, Antônio, Adeílda, Aparecida, irmã, casa, pavão, carro, garagem, vaso de folha, orquídea, galo, bonita, Vitória*). Chiquinha pede que cada um fale uma palavra que fará parte da fábula. As informações são listadas. Ao final de uma rodada, Chiquinha cria uma história com a lista de palavras.

Roda de piadas: Espaço para os participantes compartilharem seus repertórios de piadas. Nesse jogo, naturalmente destacam-se os típicos contadores de piadas que têm experiência na narração e na interpretação das personagens. Também surgem os que tentam contar piadas, mas não são engraçados por não terem o domínio do tempo cômico.

3.2 – UM EXERCÍCIO DE DRAMATURGIA

No tempo de escrita do diário de trabalho, simultâneo aos encontros, minhas emoções e pensamentos estavam muito aflorados e conectados, eu estava intensamente envolvida com aquela teatralidade emergente. O modo de registrá-la variava ora à mão, ora digitado, ora gravado em áudio no celular. Quando os acontecimentos tinham muitos detalhes importantes – os lapsos de movimento, força, execução, fala; os cortes de afeto e ação – eu os registrava prontamente. Escrever para não esquecer era urgente. Mas outras vezes, apenas tópicos-chave eram suficientes para lembrar do ocorrido num momento posterior. Ainda alguns registros de memória foram feitos meses depois.

O tempo de criação de uma dramaturgia escrita, de uma proposta mais ficcional, se inicia seis meses após o término do trabalho prático viabilizando um olhar distanciado que percebe novas nuances e detalhes de relações entre participantes e acontecimentos, permitindo uma outra interpretação sobre as intervenções nas casas de repouso. Nesse intervalo entre prática e escrita dramática, organizei o material do diário de trabalho e transcrevi os áudios gravados; elenquei as situações marcantes, as mais nítidas em minhas recordações. A partir daí comecei a escrever cenas, buscando ser fiel aos diálogos que presenciei.

No início da estruturação dos diálogos, as falas de Chiquinha direcionavam sua faceta para a do palhaço Branco, com uma postura professoral, organizada, com um raciocínio lógico de causa e efeito. Num momento posterior, alorei o lado Augusto de Chiquinha inserindo uma nova voz que revela seu lado inocente, infantil, bobo, inconsequente, deixando fluir sua imaginação nas ações e palavras. Então, nos diálogos costurei as duas vozes compondo a figura dessa palhaça. O revezamento é constante, uma hora o Branco conduz o jogo e outrora a personalidade do Augusto se destaca. No jogo da cena, as personagens agem como dominadoras e/ou submissas em função das situações.

Uma parte da peça é uma síntese das situações registradas no diário de trabalho, e outra é inteiramente ficcional. As cenas inventadas são uma mistura de sonhos, medos e desejos da palhaça Chiquinha, que testemunha os acontecimentos.

O desenrolar da peça se dá numa dimensão dramática⁵⁹ e da narração. Dramaticamente, Chiquinha vive, interage e dialoga com as outras personagens. Com o recurso narrativo, ela se encontra tanto num jogo meta teatral – em que se distancia da cena e comenta o que está acontecendo – quanto numa situação de relatos de suas lembranças.

Numa leitura dramática feita no encerramento de uma disciplina de dramaturgia na pós-graduação, os atores apontaram a dificuldade de acompanhar o desenvolvimento dramatúrgico devido ao grande número de personagens e a variação entre muitos espaços. Diante desse retorno, optei por fazer uma síntese geral.

As personagens da peça são baseadas em pessoas reais. Agrupei os sujeitos que tinham ações e falas semelhantes numa única personagem, essa mistura fez com que as figuras condensadas ganhassem complexidade. Com isso, reduzi em dois terços o número de personas, tornando possível acompanhar a trajetória de cada uma. A descrição minuciosa de posturas, características físicas, roupas, acessórios torna as personagens nítidas e vivas.

Os diversos locais dos encontros foram condensados numa única descrição espacial. Selecionei características mais interessantes de cada lugar e criei um novo ambiente ficcional. O espaço revela concretamente a densidade do contexto em que as personagens estão inseridas.

O tempo da cena é misterioso, suspenso, trata-se de um presente expandido, se assemelha a um tempo de espera. A relação com o passado das personagens se dá através de fragmentos de memórias e comentários sobre a vida anterior ao asilo.

A peça *Casa* é uma dramaturgia que toma a vivência nos asilos e seu registro como material de inspiração.

⁵⁹ Refere-se ao gênero dramático.

CAPÍTULO 4

CASA

PERSONAGENS

BONITINHA: com as costas desencostadas, às vezes caminha pela sala. Enérgica, expansiva, rechonchuda, rebola até o chão. Destaca-se por ser vibrante, desbocada, tem uma voz grave e sedutora, de turbante na cabeça.

CÉLIA: cadeirante, uma perna é maior que a outra. Corpo frágil, bem-humorada, muito magra, corcunda, nariz adunco comprido. Cabelo comprido branco solto, olhos azuis, pele muito enrugada, de vestido branco comprido. Usa brincos e colar de pérolas, batom vermelho e um cobertor de lã xadrez envolto no corpo.

CHIQUEINHA: de pé no centro da roda. Palhaça, suas falas transitam entre as vozes do Branco e do Augusto. Ela anima os encontros, procura estabelecer uma conexão com e entre os participantes. Lacinho vermelho no topo da cabeça. Brilho nos olhos. Nariz vermelho. Camisola branca com borboletas vermelhas bordadas. Calça vermelha. Ágil. Sapatinho azul.

DALVINA: sentada em frente ao seu andador, pernas cruzadas, não tem mobilidade no braço direito. Sorridente, se diz carioca, fala pausadamente com certa dificuldade. Magra, baixa, olhos verdes, cabelo curto branco, rosto fino, banguela e caolha (como os piratas). Usa óculos de grau, relógio, brincos e batom vermelho escuro.

DONA SILMARA: médica e proprietária. De pé, transita, entra e sai pela porta principal. Simpática, elegante, maquiada, magra, loira tingida, de salto alto.

DULCE MARIA: sentada em frente ao seu andador com as pernas apoiadas num banquinho, mas, às vezes, levanta-se, anda arrastando os pés no chão. Corcunda, olhos negros, rosto redondo, óculos com lentes redondas, cabelo comprido branco preso num coque, de bata de algodão clara, saia comprida preta, tênis branco e meias brancas de cano longo.

EMANUEL: sentado na ponta do sofá, levanta-se com frequência para ir ao banheiro. Inquieto, boca torta, língua aparente, dificuldade para falar, de boné, camiseta de algodão branca por dentro da calça de moletom cinza (parece aquelas crianças arrumadas pela mãe).

EMÍLIO: cadeirante. Cabeça pendurada, corpo mole, calvo, lábio inferior cobre o lábio superior quando a boca está fechada. Dorme e acorda repentinamente. Veste casaco do São Paulo Futebol Clube.

ENFERMEIRA MARISTELA: rechonchuda, alta, risonha, controladora, atenta, de touca branca, jaleco branco, calça branca e tênis branco. Vendedora da Natura.

ENFERMEIRA MARILDA: nunca senta. Quando a campainha toca, ela abre a porta. Animada, magra, baixa, de touca branca, jaleco branco, calça branca e tênis branco. Enérgica, canta e dança.

FILHA AMANDA: 15 anos. Frequenta o asilo quando não tem aula. Enérgica, cabelo castanho, magra, de shorts curto, camiseta estampada e sapatilha.

JORGINHO: os joelhos unidos e as mãos entre as pernas, frequentemente levanta, troca de lugar ou vai ao banheiro. Ágil, fala rápido com a boca semicerrada. Baixo, calvo, barrigudo, bochechudo (lembra um buldogue). Enérgico, piadista, se diz italiano, tem nariz de batata, usa boina, óculos quadrados grandes, camiseta polo amarela, bermuda bege e mocassim marrom.

LILI: óculos fundo de garrafa lilás, unhas pintadas de lilás cintilante. Bochechuda, com dentes amarelados, queixo babado, cabelo curto preto com franja (corte igual ao da Mafalda), de vestido longo rosa claro florido e chinelos com meias brancas. Dificuldade para falar: emite ruídos altos e incompreensíveis, tenta manter uma conversa sem sucesso, pronuncia meias palavras.

MARIA IZILDA: mãe da proprietária. Esperta, diz enxergar pouco, rechonchuda, alegre, corcunda. Gosta de tricotar. Usa muitos anéis e tem os lábios pintados de rosa.

ODILON: de pé, caminha. Muito magro, nariz fino e pontudo (como o Pinóquio), cabelo grisalho penteado, de camisa social azul claro, calça social cinza e chinelo com meias. Carismático, alto, olhos azuis. Trabalhou como garçom a vida toda.

RITA: esparramada no encosto do sofá ao lado de sua bengala, às vezes quer levantar. Olhos azuis com globo ocular avermelhado, nariz adunco, cabelos brancos, pernas e pés inchados, face enrugada, testa muito franzida, olhar vazio, de conjunto de plush azul turquesa. Tem mania de perseguição. Coça o corpo, diz que as formigas estão subindo nela.

TECA: sentada, quase muda, só mexe os olhos negros arregalados (como uma estátua viva). Barriguda, sardenta, corcunda, cabelo grisalho curto e crespo, sem dentes, lábios finos pintados de vermelho, braços cruzados e apoiados em cima da

barriga, muito baixa, os pés não alcançam o chão. As mangas do casaco de lã azul claro cobrem suas mãos, usa saia roxa escura abaixo do joelho e tênis preto.

VIRGINIA: observadora, usa brinco de argola prateada, camiseta de manga comprida pink e shorts verde-limão. Simpática, riso frouxo, olhos azuis, rechonchuda, cabelo curto ruivo.

CHIQUINHA (*sua fala é entrecortada com as falas da cena seguinte “Copo de café”*) – Faz frio nessa sala de estar fechada de uns cinco metros quadrados. Pinturas de paisagens convencionais e borboletas de plástico enfeitam as paredes emboloradas e úmidas. Janela grande de vidro, de correr, com grades e persianas verticais verde-claras. A vista da janela é o estacionamento cimentado e a rua. Porta de entrada ao lado da janela. Qualquer pessoa que entra na casa dá de cara com os moradores que se encontram na sala, qualquer um que saia é visto por eles. Na parede oposta à janela, uma televisão – sem som – pendurada no alto e ao lado um corredor com um corrimão azul que leva aos outros cômodos. Poltronas e sofás desgastados formam um semicírculo. Cadeirantes em suas cadeiras de roda espalhados por aí. As poltronas todas estão ocupadas. Alguns lugares nos sofás estão vazios.

Copo de café

(*Cena em penumbra*)

ENFERMEIRA MARISTELA (*passando pelo corredor, segurando roupas de cama*) – Já peguei o lençol e as cobertas. Tá tudo sujo!

ENFERMEIRA MARILDA (*gritando do quarto*) – Tá uma catinga só aqui! Pegou o travesseiro?

BONITINHA (*sentada no sofá da sala*) – Ai, eu não ia com a cara dela...

ENFERMEIRA MARISTELA (*no corredor*) – Peguei! Tem um copo de café que tá aí na cabeceira há um tempão...

JORGINHO (*no sofá, referindo-se ao copo*) – Levei pra ela na semana passada....

DALVINA (*sentada ao lado de Bonitinha*) – É... vai fazer falta....

ENFERMEIRA MARILDA (*do quarto*) – Traz um bom ar ou pega um desodorante pra jogar aqui...

DALVINA – Ela assistia a novela das sete comigo. Aí eu dizia: “Nossa esse vilão é tão bonito, não!?” Ela não achava...

JORGINHO – Ela ficava brava...

ENFERMEIRA MARISTELA (*entrando no quarto*) – Vou abrir a janela pra ventilar...porque tá difícil... Aproveita e já junta as roupas, daí eu vou pondo na mala.

JORGINHO – Eu falava pra ela como era boa a vida na fazenda, montar e laçar o gado. Ela me contava dos filhos e netos. Eu sempre interrompia pra contar piada... Ela falava: “Deixa eu falar”. Eu dizia: “Você fala mais que o homem da cobra, muié!”. Ela dava risada.... A gente ficava apostando quem ia antes.... Eu tinha certeza que era eu.... Ela ficava brava....

(*As enfermeiras saem do quarto carregando o copo de café, algumas roupas na mão e uma mala*)

JORGINHO (*de pé*) – Dá pra mim?

ENFERMEIRA MARILDA – Não, esse tá sujo, vamos jogar fora... depois eu te dou outro....

(*Chiquinha se dirige para o centro do palco. Os outros idosos entram e tomam seus lugares. Jorginho se senta quando vê os outros sentados. Todos aplaudem Chiquinha como espectadores. Ela faz uma reverência para o seu público de idosos*)

Azeitona

CHIQUEINHA – Eita, coisa boa! (*lança um beijo no ar*)

CÉLIA – Como você chama?

CHIQUEINHA – Chica Chiquinha Chicota Maricota da Silva Sauro, mas pode me chamar de Chiquinha.

CÉLIA – Azeitona! Me chamo Azeitona, Célia Azeitona! Muito prazer!

RITA (*sussurrando*) – Eu vou ser presa!

CHIQUEINHA – Sério?

CÉLIA – Seríssimo!

RITA – Eu falei que não gosto de negro....

BONITINHA (*orgulhosa*) – Eu fui a primeira cabelereira de Campinas especialista em cabelos afros.

(*Teca está tremendo de frio. Chiquinha senta ao seu lado e envolve suas mãos nas dela. Teca observa o gesto de Chiquinha. Levanta a cabeça e sorri*)

RITA – Eles me ligaram ontem.... Disseram que tão vindo....

BONITINHA – Eu tenho orgulho do que fiz.

DALVINA – Eu trabalhava na fábrica lá no Rio.

BONITINHA – Inventava as técnicas e ia usando os materiais que tinha. Testava tudo em mim...

DALVINA – Eu era da turma da faxina. Limpava chão, vaso.... fazia hora extra!

BONITINHA – Depois fazia no cabelo das clientes.

DALVINA – Me acabava de trabalhar e o dinheiro ainda assim não dava.

BONITINHA – Tinha coisa que dava errado, mas muita coisa dava certo, viu....

DALVINA – Meu marido desempregado, não trabalhava por nada.... E eu me acabando no esfregão!

RITA (*assustada*) – Me acharam! É o fim! (*engasga*) É o fim!

BONITINHA – Chegava no final do mês, eu defumava tudo....

DALVINA – Vagabundo.... Isso aqui ó (*mostrando o braço direito paralisado*) é de tanto puxa rodo! Deu um piripaque! Fui pro hospital e depois me chutaram mesmo.... Sem nenhum direito!

VIRGINIA (*entra pela porta, segurando um batom e uma escova, vai até Bonitinha*) – Bonitinha, minha filha vem hoje.... me arruma um pouco?

DULCE MARIA – A Célia tem cem anos e sempre foi solteira!

BONITINHA – Claro, senta aqui do lado.

DALVINA – Mesmo assim eu não sou de ficar quieta não! Fui atrás dos meus direitos! Tinha quatros filhos pra criar.... Por que comigo não, violão?! Eu não fico quieta não! Se eu tenho que falar, eu falo tudo na cara!

(*Bonitinha passa o batom em Virginia. Ela borra, mas não percebe*)

BONITINHA – A mulherada queria alisar o cabelo.

CHIQUINHA – CEM ANOS?!?!?

(*Bonitinha tenta pentear o cabelo de Virginia*)

MARIA IZILDA – Imagina quantas não ficaram carecas!

VIRGINIA (*sente o cabelo repuxar*) – Ai! Vai com calma!

BONITINHA – Desculpa.... (*continua penteando*) Eu não queria, mas fazia.... Um dia, uma cliente chegou com a cabeça inchada, menina! Já pensou o perigo?!

CHIQUINHA – Eu me cuido, lavo o cabelo com shampoo de milho e enxaguio com leite desnatado.... Me alimento bem. Tomo sorvete dia sim, dia não, procuro alternar com algodão doce.... Lavo meu nariz vermelho, coloco talco no meu sapatinho.... Mas tô doida pra saber: qual é o segredo pra apagar cem velinhas no bolo de aniversário?!

BONITINHA – E se fecha o salão?! Baixa a polícia e aí eu me ferro, né! Alergia é assim mesmo, mas a mulherada quer de todo jeito.... Menina, ela quis me dar umas palmadas, eu não deixo barato! Devolvi!

VIRGINIA (*grita*) – Ai!

(*Bonitinha treme a mão enquanto penteia*)

CÉLIA – Eu não casei, esse é o segredo!

DULCE MARIA (*referindo-se à Bonitinha*) – Olha aí! Apanhou tanto que a mão treme agora.

BONITINHA – Depois que o Pedro faleceu, cantei nos bailinhos. Tinha o salão, mas eu gostava mesmo é de cantar. Quando ele ainda tava aqui, não deixava, menina....

DALVINA – O advogado nunca me deu o dinheiro da indenização.... Me enrolou e depois sumiu.... Mas eu falei pra ele na cara! Eu não sou de guardar desaforo! Eu falo mesmo! Não fico quieta! Não engulo sapo! Meu marido era um bunda mole! Falava: “Fica quieta! Ele é doutor! Sabe tudo!”

BONITINHA – Fiz tanta festa no quintal de casa! Agora eu não quero mais saber de cuidar de homem não, só de me divertir.

DALVINA – Bebia muito.... gostava da birita...

BONITINHA – Também gosto viu.

CÉLIA – Quando a gente é moça, muitos rapazes disputam a mão.

BONITINHA – Mas depois que minha voz acabou, vi como fez falta o dinheiro do salão. Pra ajudar, minha sócia me deu um golpe. A gente não quer ter patrão, mas também tem que ficar atenta.

DALVINA – Por que eu casei com ele?

BONITINHA – Se eu tivesse o dinheiro agora, eu não taria aqui, minha filha!

VIRGINIA (*grita*) – Ai! Tá doendo!

CÉLIA – Casou porque é tonta....

BONITINHA – O teu cabelo que é ruim!

Loteria

CHIQUINHA (*voz em off*) – O que fariam se ganhassem na loteria?

BONITINHA – Eu ia comprar uma casa só pra mim e com as coisas que eu sempre quis... ia na loja comprar um sofá grande amarelo...

JORGINHO – Que adianta você comprar tudo isso agora, vai continuar velha, vai acabar aqui mesmo!

CÉLIA – Ah, eu compro uma casa pra cada uma, daí ninguém mais precisa ficar aqui.
DALVINA – Eu ia ajudar meus filhos.

Calor

(Sons de risadas, de Jorginho e sua mulher. Luz abaixa no espaço geral. Recorte de luz sobre uma cama, Jorginho e sua mulher estão sentados nela. Eles estão agarrados se beijando, ele puxa o cabelo dela)

ELA (*rindo*) – Ai!

(Ela empurra ele. Jorginho ajeita-se e senta-se ao seu lado. Segura sua mão. Ela se inclina, segura seu rosto e beija-o demoradamente. Ele coloca a mão na sua coxa e aperta. Ela o abraça forte enquanto se beijam)

ELA (*rindo*) – Bem, lembra! Lembra!

JORGINHO – Onde você tava? Te procurei por todo o canto e não achei...

ELA (*saindo*) – Eu tava lendo na sala das meninas....

(Melodia da marchinha de Carnaval: “Cabeleira do Zezé”)

Carnaval

(Luz geral. Chiquinha começa a correr, pula e lança confete para o alto)

CHIQUEINHA (*cantando*) – É Carnaval, alto astral, sal, Melhoral, futsal, legal! *(no meio da roda, segurando com a mão direita um chocalho de plástico vermelho cintilante e com a outra mão folhas sulfites com as letras das músicas)* – Hoje eu tô chique, meu microfone é de diamante rubi! E como a Chiquinha tá chiquetosa! Nada mais justo do que cantar uma música do rei!

ENFERMEIRA MARILDA – Qual?

CHIQUEINHA – “Amor Perfeito”.

BONITINHA – Só em música mesmo para ter amor perfeito....

ODILON – Mi piace!

ENFERMEIRA MARILDA (*indo para o centro da roda*) – Eu sei essa!

(Jorginho levanta da poltrona e faz o assistente de palco, segurando o chocalho vermelho)

CHIQUEINHA, ENFERMEIRA MARILDA (*cantando*) – “Fecho os olhos pra não ver passar o tempo. Sinto falta de você. Anjo bom, amor perfeito no meu peito. Sem você não sei viver”

(Emanuel, sentado no sofá, se torce, empurra a cortina para olhar pela janela. Fica com o corpo de perfil para o público, observando o movimento da rua)

(Filha Amanda pega no sofá o chocalho amarelo cintilante, segura-o como microfone e se coloca ao lado de Chiquinha.)

FILHA AMANDA, CHIQUINHA, ENFERMEIRA MARILDA – “Vem, que eu conto os dias, conto as horas pra te ver”

(Enfermeira Marilda segura o papel. Alguns idosos acompanham a música com palmas)

CHIQUINHA *(interage dramaticamente com Virginia enquanto canta)* – “Eu não consigo te esquecer. Cada minuto é muito tempo sem você, sem você êêêêêêêê”

(Virginia dá uma gargalhada gostosa)

(Os outros personagens dão continuidade a cena num plano de fundo – Odilon dança com Filha Amanda e Enfermeira Marilda e Enfermeira Maristela pulam abraçadas, Bonitinha gargalha – enquanto a fala seguinte acontece)

CHIQUINHA – Se você olha da calçada é uma casa normal. Lembro de criança quando eu ia comprar sorvete na padaria, via uma casa parecida.... com grades na janela. E pelas grades, olhos arregalados me encaravam. Eu saía correndo. Minhas amigas falavam que uma bruxa morava lá.

(Jorginho dá o microfone para Chiquinha e volta a sentar-se no sofá)

ENFERMEIRA MARILDA *(solta a voz)* – “Eu não vou saber me acostumar”

(A campainha toca)

RITA *(olhando para a porta)* – São eles!

(Jorginho faz menção de ir até a porta. Enfermeira Marilda vai atender)

CHIQUINHA *(segurando a mão de Dulce Maria)* – “Sem sua mão pra me acalmar. Sem seu olhar pra me entender. Sem seu carinho, amor, sem você”

(Dona Silmara entra pela porta e encosta na parede para assistir)

ENFERMEIRA MARILDA *(retornando para o centro da roda, erguendo e balançando os braços)* – “Vem me tirar da solidão. Fazer feliz meu coração”

CHIQUINHA *(canta para Odilon)* – “Já não importa quem errou. O que passou, passou, então vem, vem, vem, vem”

ODILON – Olha que eu vou, hein!

(Aplausos)

DONA SILMARA (*animada*) – Uhoooooooo!!!

FILHA AMANDA – Ontem foi Carnaval, canta umas marchinhas, Chiquinha!

CHIQUEINHA (*marchando*) – Marcha, soldado! Cabeça de papel! Quem não marchar direito, vai preso no quartel!

DONA SILMARA – Boa!

ENFERMEIRA MARILDA – Tem aquela da cabeleira do seu Zé....

CHIQUEINHA – Eu tenho um porquinho que chama Zé. Um dia faltou luz e eu coloquei a tomada da TV no focinho dele. Encaixou certinho!

ENFERMEIRA MARILDA (*cantando*) – “Olha a cabeleira do Zezé”

(Dona Silmara deixa a bolsa no sofá, transforma o banquinho de Dulce Maria em surdo de marcação, a bengala de Rita em baqueta, e dita o ritmo batucando. Ela dirige-se para o meio da roda junto com Enfermeira Marilda, Filha Amanda e Chiquinha. Família e funcionária estão participando ativamente. Incentivados pela equipe dirigente, os outros cantam)

TODOS (*Jorginho e Odilon dançam*) – “Olha a cabeleira do Zezé. Será que ele é. Será que ele é. Será que ele é bossa nova”

(Chiquinha não sabe mais a letra, então só dança)

“Será que ele é Maomé. Parece que é transviado”

JORGINHO (*erguendo os dois braços, rindo*) – Transviado?! Aí, não, hein!

TODOS – “Mas isso eu não sei se ele é (*pausa*) Corta o cabelo dele!”

CHIQUEINHA – Tum, tum!

TODOS – Corta o cabelo dele!

CHIQUEINHA, FILHA AMANDA – Tum, tum!

DONA SILMARA (*batucando forte*) – Aeeeeeeeeee!!! Muito bom!!!

CHIQUEINHA – Esse Zezé só pode ter piolho.... Nunca vi o povo querer tanto cortar o cabelo de alguém...

FILHA AMANDA (*ansiosa*) – Qual é a próxima?

DULCE MARIA (*sugerindo*) – “Linda morena, morena. Morena que me faz penar”

(Todos ignoram)

ODILON (*empolgado*) – Amandinha, sabia que quando eu tinha a sua idade eu já trabalhava?! Eu era garçom. Viajei muito! Trabalhei em restaurante, lanchonete, bar, pizzeria, churrascaria.... Conheci muita gente! *(Filha Amanda está digitando no celular)* Era muito bom.... O único problema era os canos que levava. O patrão descontava umas coisas do salário e a gente não tinha como provar.

FILHA AMANDA – Sim, você já me contou.... *(mostrando o celular)* – Eu coloquei no Google “Marchinhas de Carnaval” e apareceu aquela “Mamãe eu quero”.

CHIQUEINHA *(deliciando-se com sua lista de desejos)* – Mamãe eu quero um bolo de cenoura com cobertura de brigadeiro, um banana split com sorvete de creme, flocos e morango, uma calda bem gosmenta de brigadeiro branco, aqueles confetes coloridos e bastante farofa de amendoim....

FILHA AMANDA *(interrompendo)* – Chiquinha, HELLO!! Tô falando da música!

DONA SILMARA – Eu sei essa!

(Filha Amanda entrega o celular para Chiquinha.)

CHIQUEINHA *(olhando para a tela do celular)* – Essa tal de técronogia é arretada sô! Simbora! *(checando)* Todos prontos?

DONA SILMARA *(orgulhosa)* – Nasci pronta!

TODOS *(menos Emanuel que continua olhando pela janela, e Rita que está sentada cochilando com a boca aberta)* – Sim!

DONA SILMARA *(batucando)* – Um, dois, três!

CHIQUEINHA – “Mamãe eu quero, mamãe eu quero.”

TODOS – “Mamãe eu quero mamar”

CHIQUEINHA – Vocês já são bem grandinhos pra mamar, né!!!

TODOS – “Dá a chupeta, dá a chupeta, ai, dá a chupeta pro bebê não chorar!

CHIQUEINHA *(levantando as almofadas dos assentos, procurando)* – Cadê o baby, gente? Só eu não tô ouvindo choro? *(cutucando o ouvido)* Ixiii....Meu ouvido deve tá entupido....

DONA SILMARA – Aí, sim, hein! Gostei da animação!

(Dulce Maria chama Chiquinha para sentar ao seu lado)

DULCE MARIA – É um grande prazer te conhecer. Qual o seu nome mesmo?

CHIQUEINHA – Chica Chiquinha Chicota Maricota da Silva Sauro, mas pode me chamar só de Chiquinha.

DULCE MARIA – Você pode ver a música “Noite do meu bem” da Dolores Duran? Eu gosto muito dessa música.

CHIQUEINHA – Eu também gosto da noite porque é quando eu relaxo o esqueleto. Essa tal de Dolores é durona mesmo? Porque eu não gosto de me meter em confusão.... Sou da paz...

DULCE MARIA *(confirmando)* – Você canta essa música da próxima vez?

CHIQUEINHA – Claro! Na semana que vem.

DULCE MARIA (*sorrindo*) – Que bom! Muito obrigada!

(*Chiquinha pisca para ela*)

CHIQUINHA – Gente, estendam a mão direita à frente.

DULCE MARIA – Ahh, você já vai embora???

CHIQUINHA – Eu vou, mas eu volto.

DULCE MARIA – Eu gosto muito quando você vem. Dá pra distrair. Venha mais vezes!

CHIQUINHA (*pegando impulso*) – É um, é dois, é três. Já!

(*Chiquinha corre batendo nas mãos estendidas. Se dirige para a porta principal, quase sai de cena, mas dá meia-volta e volta para o centro da sala*)

ODILON – Ué, você não ia embora?!

CHIQUINHA – Ué, fui e já voltei.

Fuga

(*Rita está sentada entre Enfermeira Marilda e Enfermeira Maristela. Jorginho está sentado de frente para Rita*)

ENFERMEIRA MARILDA – Chiquinha, chama a Rita de chata para você ver como ela fica brava!

ENFERMEIRA MARISTELA – Chata! Chata!

(*Rita vira o rosto*)

JORGINHO – Ô, sua chata!

(*Chiquinha sem reação*)

RITA (*levanta-se e dirige-se à Chiquinha*) – Eu vou embora com você! Vamos fugir hoje à noite!

ENFERMEIRA MARILDA – Pode levar essa chata embora, Chiquinha!

JORGINHO (*batendo na bunda de Rita*) – Ela gosta é de apanhar na bunda!

(*Chiquinha está perdida*)

RITA (*brava*) – Ohhh, ôôôôô, não, não, não!

JORGINHO – Vou dá um murro na tua boca! Você vai ficar sem dentes!

(*Jorginho e as enfermeiras riem*)

Porta

(*Jorginho levanta-se do sofá, passa ao lado de Chiquinha. Pisca para ela. Ele atravessa a sala e sai pelo corredor.*)

ENFERMEIRA MARISTELA – Onde você vai, Jorginho?

CHIQUINHA – Deve tá indo no banheiro de novo.... Deve ter doce escondido lá!

(Enfermeira Maristela levanta-se da poltrona e segue Jorginho)

(...)

ENFERMEIRA MARISTELA *(desesperada anuncia na sala)* – Ele sumiu!

(Chiquinha corre para o corredor, entrando na coxia. Quando Chiquinha sai, Dona Silmara entra pelo mesmo lugar com uma dobradura de chapéu de soldado na cabeça)

(A equipe dirigente conversa afastada dos idosos)

DONA SILMARA – Minha amiga vai colocar a mãe aqui, tá só esperando liberar o quarto.

ENFERMEIRA MARILDA – A essa altura já era pra ter liberado uma vaga...

ENFERMEIRA MARISTELA – Se bem que tem uma na UTI perigando, né....

DONA SILMARA – É, vamos aguardar.... Vou no salão fazer a unha. Volto mais tarde, meninas. *(Sai de cena pela porta principal)*

Clotilde

(Chiquinha entra carregando uma mala marrom grande e pesada)

DALVINA – Onde você vai assim: vestida de palhaça?

CHIQUINHA – Eu? Vestida de palhaça? Que palhaça?

BONITINHA – Eu sou palhaça *(rebolando até o chão com as mãos na cintura)* Isso é “boquinha da garrafa”!

(Chiquinha está boquiaberta aplaudindo Bonitinha)

DALVINA – O que você carrega nessa mala? O que você trouxe pra mim hoje?

JORGINHO – É muito bom você vir aqui. Todo mundo gosta de você. Você é muito comunicativa com esse seu sorriso penetrante e esse seu nariz safadinho.

ODILON *(usando óculos de plástico preto de gatinha)* – Pelo tamanho da mala, o que será que vai ter hoje?

CHIQUINHA – É surpresa! E você surpreendendo com esse estilo todo, hein!

ODILON *(dá uma piscadinha)* – Faço meu melhor!

CHIQUINHA – Vou fazer uma mágica!

JORGINHO – Uma formiga encontrou a outra. No meio da conversa, uma pergunta: qual o seu nome? E a formiga responde: Fu.

VIRGINIA – Fu?

CHIQUINHA – Trouxe uma máquina revolucionária!

JORGINHO – E a outra pergunta: Fu o quê?

CHIQUINHA – Que transforma uma coisa na outra!

JORGINHO (*divertindo-se*) – Fumiga.

(*Chiquinha apoia a mala no chão. Abre e pega um pote pequenino*)

CHIQUINHA (*anuncia*) – Senhoras e senhores, no dia internacional do detergente, com vocês a magnífica, a maravilhosa, a incomparável: bolha de sabão!

RITA (*coçando a perna*) – Tá coçando....

JORGINHO – Entendeu, Virginia?

RITA – Tá coçando, tá coçando....

CHIQUINHA – O que tá acontecendo, Rita?

VIRGINIA – Não, Jorginho. Qual foi a graça?

RITA – As formigas...

DALVINA – Eu não lembro de brincar de sabão...

JORGINHO – Isso, Rita, você entendeu! Viu!?

CHIQUINHA – Tô perdida!

DALVINA – E as bolhinhas de sabão?

RITA – Tem umas formigas subindo em mim...

(*Chiquinha aproxima-se de Rita para verificar e não vê nenhuma formiga. Chiquinha olha para a Enfermeira Marilda, que pisca e balança a cabeça negativamente*)

CHIQUINHA – A Dalvina lembrou que a gente tem bolhinhas de sabão, bão, bão!!! Quem vai estourar?! Quem vai soprar? Estourar ou soprar?!

EMÍLIO – Tá frio....

JORGINHO – Aqui é tudo carro velho. Não tem essa de estourar bolinha de sabão não!

(*Chiquinha coloca-se na frente de Teca*)

CHIQUINHA – Você quer que eu sopre a bolinha para você estourar?

(*Rita levanta-se e atravessa o pátio em direção aos arbustos. Enfermeira Maristela vai atrás dela e a coloca novamente sentada*)

CHIQUINHA – Ela não me responde com palavras. Me olha com expectativa. Quando eu sopro as bolinhas, ela se esforça com a mão para tentar estourar uma. Algumas bolinhas estouraram no braço dela.

(*Os olhos de Teca brilham*)

DALVINA – Joga pra mim!

CHIQUEINHA (*batendo continência*) – Sim, senhora, capitã!

(*Chiqueinha sopra as bolhinhas, Dalvina estoura divertindo-se. Ao lado, está Maria Izilda observando atentamente. Quando o vento leva as bolinhas para Maria Izilda, ela pula prontamente de sua cadeira e estoura agilmente todas as bolinhas que vê pela frente*)

CHIQUEINHA (*erguendo o braço de Maria Izilda*) – Temos a revelação de um talento! Uma atleta profissional de bolhinhas de sabão!!! Por favor, aplausos para Maria Izilda!!!

(*Aplausos. Maria Izilda está radiante*)

DULCE MARIA – Você vai nos abandonar, né?

CHIQUEINHA (*beija Dulce Maria na testa*) – Não, semana que vem eu estou de volta. (*Dulce Maria não solta a mão de Chiqueinha*)

EMÍLIO (*inclina-se pra frente*) – Tá frio.... Vou pra cama...

JORGINHO – Venha sempre porque você alegre e sacode. Você chacoalha aqui a turma e alegre. É disso que a gente precisa. Então, venha sempre!

ENFERMEIRA MARILDA (*indignada*) – Ai, pode parar, Emílio! Sempre tá com frio! Pode tá de gorro, luva e casaco... sempre tá com frio! (*à Enfermeira Maristela*) Vê se pode?!

ENFERMEIRA MARISTELA – O Emílio acha que a gente é tonta! (*à Chiqueinha*) Isso é coisa da cabeça dele.

MARIA IZILDA – Que você consiga tudo o que você quiser, porque você é diferente. Você tem mais amor!

(*Chiqueinha manda um beijo para Maria Izilda*)

EMANUEL – Por...que....vo...cê....vai....em...bo....ra?

CHIQUEINHA – Vou viajar com a Clotilde!

EMANUEL – Sua.....mã..mã...e?

CHIQUEINHA – É meu fusca vermelho.

EMANUEL – O.....mun.....do....in....tei....rooo... é.... se..u.

Mar

(*Recorte de luz numa cama. Maria Izilda está encostada na cabeceira da cama apoiada nos travesseiros. Filha Amanda senta-se ao lado de sua vó, Maria Izilda, segurando um desenho*)

MARIA IZILDA – Elas não botam mais sal na comida.... Não dá mais pra sentir o gosto....

FILHA AMANDA – Entendi... Vó, eu desenhei a senhora...

MARIA IZILDA – Outro dia teve frango ensopado, não tinha gosto de nada! Tá parecendo comida de hospital...

FILHA AMANDA – É, a senhora comentou.... Vó, a professora de artes passou um trabalho...Tinha que desenhar o último sonho que eu lembrava (*mostrando o desenho*)

MARIA IZILDA – Hã?!

FILHA AMANDA – Daí eu fiz esse desenho.

MARIA IZILDA – Põe mais perto, fia, a vó não enxerga direito... (*Filha Amanda aproxima o papel dos olhos da avó*) O que é isso?

FILHA AMANDA – É você no mar, vó!

(*Maria Izilda sorri*)

MARIA IZILDA – Ai, eu gosto muito do mar! Tua mãe falou que a gente ia viajar pra Santos! Quando você era criança, a gente ia todo Natal pra praia.... A gente ficava o dia todo nadando....

FILHA AMANDA – Sério, vó?! Eu não lembro....

MARIA IZILDA – Tinha a espuma do mar, que formava umas bolinhas brancas.... Era tão bonito! (*pausa*) Ahhh, não era você.... Era a Silmara! (*ri*) Já falei pra ela que não dá pra comer comida sem sal... Tem que ter tempero....

FILHA AMANDA – Vó, sabia que eu tirei a maior nota da turma na prova de matemática?!

MARIA IZILDA – Parabéns, queridinha! (*dando uns tapinhas na coxa da neta*) Se fica sem sal, não dá vontade de comer...mas ela disse que nada mudou, a comida continua a mesma de sempre.... Eu sei que mudou, tá parecendo isopor!

Garras

(*Luz geral*)

CHIQUEINHA – Eu vou até o Emílio. Ele é bem debilitado....está largado na cadeira de roda. Eu o acordo para me despedir. Ele está enxugando a sua baba. Tá bom, eu espero.

CHIQUEINHA – Tchau, até semana que vem.

CHIQUINHA – Ele que quase nunca fala, segura bem firme a minha mão, e quase grita:

EMÍLIO – Eu não quero que você vá embora!

ENFERMEIRA MARISTELA (*surpresa*) – O Emílio falou isso!

ENFERMEIRA MARILDA – Emílio, segura ela! Não deixa ela ir embora.

(*Silêncio*)

CHIQUINHA – Ele continua segurando minhas mãos, olhando nos meus olhos.

Emílio, semana que vem eu tô aqui de volta, preciso ir, mas semana que vem eu volto, segunda eu tô aqui.

(*Silêncio*)

CHIQUINHA – Me dá um abraço, Emílio.

CHIQUINHA – Ele se prepara para me abraçar; ergue um pouco os braços como consegue. Me abraça, seu corpo permanece firme junto ao meu, quase me agarrando.

De repente, solta o peso do corpo como se voltasse a dormir.

ENFERMEIRA MARILDA – Emílio, acorda. Dá tchau pra ela!

(*Durante a próxima cena, Enfermeira Maristela e Enfermeira Marilda tiram todos os idosos da cena, menos Dulce Maria, Odilon e Rita*)

Homenagem

DULCE MARIA (*animada*) – Chiquinha, você trouxe a música?

CHIQUINHA – Hoje é dia de samba! Vamos cantar Alcione.

DULCE MARIA – Não, aquela que combinamos: “A noite do meu bem” da Dolores Duran.

CHIQUINHA – A letra é assim: “Não deixe o samba morrer. Não deixe o samba acabar. O morro foi feito de samba. De samba pra gente sambar”.

DULCE MARIA – Chiquinha, eu te pedi a música da Dolores Duran, lembra?! Você disse que ia cantar.

CHIQUINHA (*alegre*) – Vem sambar comigo, Odilon!

DULCE MARIA – É importante para mim! É uma homenagem ao meu irmão....

(*Chiquinha samba no meio da roda. Odilon de pé, balança os braços abertos imitando um sambista. Dona Silmara entra e assiste o que está acontecendo*)

DULCE MARIA – Chiquinha, você tá me ouvindo?!

CHIQUINHA (*animada*) – Alguém quer alguma música especial?

DULCE MARIA – EU!!!

DONA SILMARA (*sugerindo*) – Canta aquela....

DULCE MARIA – “A noite do meu bem” da Dolores Duran!

DONA SILMARA (*cantando*) – “Se essa rua, se essa rua fosse minha”

CHIQUINHA (*cantando*) – “ Eu mandava, eu mandava ladrilhar”

DULCE MARIA (*grito mudo*) – CHIQUINHAAAA!!!!!!

(Odilon e Dona Silmara saem rindo e dançando como Mestre-sala e Porta-bandeira)

Banda

(Chiquinha dá três batidas fortes com o pé no chão, dá um grito e pula no chão ajoelhada, tocando sua guitarra imaginária, balança a cabeleira como se estivesse num grande show de rock)

CHIQUINHA – Vamos fazer barulho! Botar pra quebrar! Arrepiar os pelos do braço! Sentir um frio na espinha! As espinhas vão estourar de tanta emoção! Só não pode espremer senão fica marcado! As marcas vão ser só no coração! Preparados para essa loucura?!?

Dulce Maria, semana passada você me pediu uma música. Você lembra qual é?

DULCE MARIA (*esforçando-se*) – Humm.... Acho que foi aquela.... Não lembro o nome...

CHIQUINHA – Aiiiii, é acho que foi aquela mesmo.... É aquela música que tem uma letra.... Que o cantor canta.... que fala daquilo que a gente tava conversando.... Aquela coisa.... Bem cantada, sabe?

DULCE MARIA (*insight*) – Acho que é aquela do Chico.... Que fala da banda....

CHIQUINHA – Essa mesma! “A Banda”. Quem sabe cantar?

ENFERMEIRA MARILDA – Eu!

CHIQUINHA (*correndo para Enfermeira Marilda e abraçando-a fortemente*) – Que maravilha!!! Que bom que você é cantora! (*animada*) Aposto que você é cantora lírica. (*apalpando o pescoço da Enfermeira Marilda*) Pelo seu tom de voz parece que é uma tenora aguda! Tenho certeza que vai ser um sucesso! Fica tranquila que eu tô contigo. Acho que nosso tom vai combinar, eu sou mezzo baixa. Já fui mais baixa quando eu era pequena, mas a gente cresce e aí fica menos baixa.

(Enfermeira Marilda e Chiquinha se colocam em frente a Dulce Maria. Chiquinha divide seu microfone com Enfermeira Marilda e entrega o outro microfone para Dulce Maria.)

DULCE MARIA – Eu só sei o início (*canta e bate palmas*)

(*Enquanto canta, Chiquinha faz, dramaticamente, as ações descritas na canção*)

ENFERMEIRA MARILDA, CHIQUINHA (*cantando*) – “Estava à toa na vida. O meu amor me chamou. Pra ver a banda passar. Cantando coisas de amor”.

RITA – Já tá na hora de voltar. Vou me deitar.

ENFERMEIRA MARILDA, CHIQUINHA – “A minha gente sofrida. Despediu-se da dor. Pra ver a banda passar. Cantando coisas de amor”

CHIQUINHA (*animada*) – Uhuuuulll, Marilda!!! Muito bom! Sabia que ia ser um sucesso! Tô tão orgulhosa de você! Vou te levar pra cantar pro meu porquinho, o Zé. Ele vai amar te ouvir! Ele sempre me aplaude quando eu canto pra ele: quatro patas sincronizadas. (*abraçando Enfermeira Marilda*) Formamos uma dupla perfeita! Melhor impossível! (*emocionada*) Obrigada por acreditar em nós, no seu tenorismo agudo e no meu mezzonismo baixo!

(*Aplausos. Chiquinha segura a barra do vestido e faz uma reverência de agradecimento. Enfermeira Marilda a imita.*)

RITA – Já tomei banho. Vamos?

DULCE MARIA (*agradecida*) – Estou muito feliz por vocês terem cantado.

A noite do meu bem

(*Bonitinha entra e coloca-se de pé em frente ao microfone, foco de luz recortando apenas ela*)

BONITINHA (*cantando, como cantora profissional*) – “Hoje eu quero a rosa mais linda que houver / E a primeira estrela que vier / Para enfeitar a noite do meu bem / Hoje eu quero paz de criança dormindo / E abandono de flores se abrindo / Para enfeitar a noite do meu bem / Quero a alegria de um barco voltando / Quero ternura de mãos se encontrando / Para enfeitar a noite do meu bem”

(*Enquanto Bonitinha canta, as enfermeiras trazem as outras idosas.*)

Competição

(*Chiquinha segurando o anel entre as palmas e passando suas mãos entre as mãos das participantes. Discretamente, ela deixa o anel escorregar na mão de alguém. Todas estão com as mãos cerradas*)

CHIQUINHA – Vamos passar esse anel!

DALVINA (*firme*) – Meu anel eu não tiro! Vai comigo até o fim!

CÉLIA – Eles queriam casar comigo a qualquer custo.

BONITINHA (*nostálgica*) – Brinquei muito disso....

VIRGINIA – É tão divertido brincar com as amigas na frente de casa.

CÉLIA – Eu sempre dou uma desculpa....

DALVINA – Sempre dá briga com as minhas primas!

CÉLIA – Não quero saber de homem.

DALVINA – Antes era melhor... não tinha preocupação na rua. Hoje não dá mais.... em todo lugar tem bandido! Só tem bandido!

RITA (*arregalando os olhos*) – Eles estão vindo....

CÉLIA – Eu sempre fui amiga de papai e mamãe. Eles ficam de olho. Os homens não têm como chegar perto.

VIRGINIA (*desconfiada*) – Eu acho que já sei com quem tá....

CÉLIA – Eu não ia dar satisfação pra homem nenhum!

(*Teca entra, anda de um lado para o outro, olhando as outras idosas e também as plantas*)

CHIQUEINHA – Virginia, se segura!

(*Depois de passar por todas*)

LILI (*animada com as mãos abertas, emitindo ruídos incompreensíveis*) – Ru ah sa!

CÉLIA – Sempre fui muito trabalhadeira.... Não tenho preguiça, mas também não sou de ficar sustentando marido. Fui a única que não casei.

VIRGINIA – Fecha as mãos!

LILI (*fechando as mãos*) – Ha ha ha se ada.

(*Teca senta-se numa poltrona*)

CHIQUEINHA – Dulce Maria, você sabe com quem tá o anel?

DULCE MARIA – Com a Lili não tá!

CÉLIA – Me puseram pra cuidar do pai, a mãe já tinha morrido....

BONITINHA – Todo mundo sabe que a Lili abriu a mão! (*sussurrando à Virginia*) Tá com a Dulce Maria.

LILI (*manifesta-se com o corpo, também emitindo ruídos*) – Om ram argh huar.

VIRGINIA – Eu vi.... tá com a Dulce Maria!

DULCE MARIA (*quase abrindo as mãos*) – Não tá comigo não!

BONITINHA (*gritando*) – Não é pra abrir as mãos!

DULCE MARIA (*ofendida*) – Não precisa gritar.

VIRGINIA – Grossa.

(Teca levanta-se da poltrona com dificuldade e vai para o quarto)

LILI *(concordando)* – Humm rah sriah.

BONITINHA – Quantos bolos serão?

CHIQUINHA – Bolos?

BONITINHA – Quem erra leva palmada na mão.

VIRGINIA *(provocando)* – Tá com a Dulce Maria!

DULCE MARIA *(abrindo as mãos)* – Já falei que não tá comigo! Me deixa em paz!

BONITINHA *(zombando)* – Ué?! Não precisa gritar.

ENFERMEIRA MARILDA – Sem baixaria, meninas.

DULCE MARIA – Acho que tá com a Dalvina.

DALVINA – Que horas vai ser a janta?

CHIQUINHA – Dalvina, tá com você?

DULCE MARIA – O que eu fiz pra tá aqui?!

MARIA IZILDA – Tô com fome também.

CHIQUINHA – Dalvina?

RITA – A enfermeira já tentou me envenenar.... Ela tá com eles....

DALVINA – Hã?!

CHIQUINHA – O anel tá com você?

DALVINA – Não....

BONITINHA *(tom professoral)* – Tem que dar bolo nela!

CHIQUINHA – Como assim?

BONITINHA *(ansiosa)* – Bater na mão dela! Ela errou! Quem erra, leva bolo! Vamos!

Bolo nela!

MARIA IZILDA – Qual é a sopa hoje?

DULCE MARIA – Quem tem que apanhar aqui é você!

(Há uma tensão crescente entre Bonitinha, Virginia e Dulce Maria. As duas primeiras provocam Dulce Maria)

DALVINA – Tomara que seja caldo verde.

CHIQUINHA – Que isso, gente?!

(Dalvina se levanta e vai até o refeitório)

BONITINHA – É uma palmada leve! *(demonstra a intensidade adequada)* É assim, Chiquinha!!

CHIQUINHA – Não, não, não.... Ou todo mundo apanha ou ninguém apanha!

BONITINHA (*cruzando os braços*) – Ahhh, então não tem graça... Quem erra tem que ter castigo!

(*Bonitinha não está para brincadeira*)

MARIA IZILDA (*deixando o ambiente*) – É um horror! Só sabe falar nisso.... Castigo, palmada....

CHIQUEINHA (*contornando*) – Vamos em frente que atrás vem gente!

BONITINHA (*tem sangue nos olhos*) – PUXA-SACO! PUXA-SACO!!!

(*Bonitinha analisa friamente as participantes*)

RITA – Vão chegar hoje à noite! Não quero morrer hoje!

BONITINHA – Eu acho que tá com a Virginia!

VIRGINIA (*irônica*) – Comigo??

BONITINHA – Agora eu tenho certeza! Tá com a Virginia.

(*Virginia ri*)

CHIQUEINHA – Tá com você, Virginia?

(*Virginia abre as mãos e revela o anel*)

DULCE MARIA – E você falando que tava comigo!

VIRGINIA – É pela sua cara de sonsa, só por isso....

BONITINHA – Não vai gritar, hein!

(*Dulce Maria levanta-se e vai para o quarto*)

ENFERMEIRA MARILDA – Já deu de picuinha por hoje, né! Todas pro quarto!

(*Chiqueinha puxa uma fila de senhoras e saem de cena em direção ao corredor, cantarolando a cantiga “Se essa rua fosse minha”*)

Madrugada

(*Luz abaixa no espaço geral. Recorte de luz em penumbra em Rita que levanta-se com dificuldade da cama para ir ao banheiro, caminha vagarosamente, escorrega no tapete e cai deitada no chão*)

RITA (*com dor*) – Ai! Ai! Ai! (*tenta sentar-se no chão, mas não consegue. Então, grita*)
Alguém.... ajuda! Socorro! Socorro!

(*A enfermeira do turno noturno está dormindo sentada no corredor e não ouve os gritos*)

CHIQUEINHA (*entra correndo com uniforme de enfermeira e não se aproxima dela*) – O que você aprontou?! Tá bagunçando, né!? Isso é hora de estar fora da cama?!

RITA (*gritando*) - Socorro! Socorro! Não consigo sair daqui!

CHIQUINHA – Isso é coisa da sua cabeça.... Você consegue! Levanta!

(*Rita urina nas suas vestes*)

RITA (*chorando*) – Alguém! Saco! Por favor!!! Não quero morrer hoje!

(*Luz geral. Enquanto os idosos entram e tomam seus lugares, Enfermeira Maristela rotineiramente ajuda Rita a se levantar e a coloca no sofá, sentando-se ao seu lado*)

Sobre o amor

CHIQUINHA – Vamos descobrir agora quem mente bem! O nome do jogo é: “Verdade ou mentira?”. Alguém conta uma história curta ou longa, real ou inventada. Daí a gente vota se é mentira ou verdade.

JORGINHO – É mentira!

CHIQUINHA – Oxiii! Tá doido, homi?! (*Jorginho ri*) Quem começa?

(*O silêncio paira no ar. Se olham. Escuta-se alguns risos nervosos.*)

CHIQUINHA – Há cinco anos atrás, eu sofri um grave acidente de moto. Me estatelei no chão e quebrei o dedo mindinho do pé direito.

MARIA IZILDA (*horrorizada*) – Nossa! Pobrezinha!

RITA – O cachorro quer entrar.

DALVINA – Só o dedo mindinho?!

CHIQUINHA – Do pé direito!

MARIA IZILDA (*convicta*) – Ah, é verdade!

(*Durante as votações Chiquinha contabiliza os votos com os dedos*)

ODILON – Humm.... Ich denke schon!

(*Jorginho levanta-se e começa a andar em direção ao corredor que leva aos outros cômodos da casa*)

ENFERMEIRA MARISTELA (*rotineiramente*) – Jorginho, onde você vai?

JORGINHO – No banheiro.

CHIQUINHA – Ai, eu também tô querendo ir no banheiro, mas querer não é poder.... Tô tomando suco de ameixa preta faz uma semana, e nada ainda.... Tô estufada, inchada, empanturrada!

ENFERMEIRA MARISTELA – Você acabou de ir no banheiro.... Vem falar com a Chiquinha.

JORGINHO – Oi?

CHIQUINHA (*atendendo o telefone imaginário*) – Alô? Quem gostaria?

JORGINHO – Arô!

CHIQUINHA – Com quem você quer falar?

JORGINHO – Com a Chiquinha, mas primeiro eu vou no banheiro.

CHIQUINHA – É verdade ou mentira?

JORGINHO – É verdade, eu quero ir no banheiro.

CHIQUINHA – Eu sofri um acidente de moto há cinco anos atrás?

JORGINHO – Hã?

CHIQUINHA – Burguer!

JORGINHO – Mentira (*continua andando até o vão*)

CHIQUINHA – Empatou! Virginia, o que você acha?

(*Enfermeira Maristela levanta e leva Jorginho para sentar no sofá, ela senta-se ao lado dele*)

VIRGINIA (*com um sorriso de canto de boca*) – Mentira.

ENFERMEIRA MARISTELA – Vou ficar aqui com você.

(*Jorginho não reage*)

CHIQUINHA (*encantada*) – Vocês são tão fofos juntos!

ODILON (*sorridente*) – Verdade.

RITA (*resmungando*) – Tá queimado.

CHIQUINHA (*desespero crescente*) – Queimado? Fogo? Onde? Rápido! Liga pra ambulância, polícia, bombeiro! Alguém faz alguma coisa!!! (*finje um desmaio rápido*)
Onde eu estou? Quem eu sou? Alguém pode trazer um pé de moça com cobertura de brigadeiro, por favor?

RITA (*olhar vazio*) – Que horas vou sair? Já chegaram?

DULCE MARIA – Acho que é verdade.

CHIQUINHA – Chegou meu doce?!

DALVINA – Voto que é mentira.

BONITINHA – Eu acho que é verdade!

CHIQUINHA – Rita?

RITA (*resmungando, sem reconhecer Chiquinha*) – Aquela preta não trouxe meu café ainda.... (*pausa*) Já não dá mais assim...

(*Rita olha para o chão com olhar vazio*)

CHIQUINHA (*agachando na frente da poltrona de Teca*) – Teca, você acha que é verdade?

(Os olhos de Teca brilham e ela acena positivamente com a cabeça. Chiquinha manda um beijo. Teca com dificuldade manda outro.)

CHIQUINHA *(olhando para seus dedos)* – Placar final: Oito bilhões de votos para a verdade, três milhões para a mentira e uma abstenção. *(misteriosa)* Quem será que acertou??? *(entusiasmada)* Vamos ao veredito final! Toquem os tambores, rufem as trombetas, batuquem as sinetas! Tchã, tchã, tchã, tchã.... É mentira!

MARIA IZILDA – Ai, que bom que você não sofreu o acidente! Melhor assim!

CHIQUINHA *(fazendo uma reverencia de agradecimento com o corpo para frente)* – Obrigada, obrigada, obrigada.

(Silêncio. Se olham.)

DULCE MARIA – Eu não sei contar história.

CHIQUINHA *(incentivando)* – Pode inventar ou dizer algo que aconteceu com você.

ODILON – Depois de casado, eu traí uma vez minha mulher. Verdade ou mentira?

CHIQUINHA – Uuuuoo!!!

VIRGINIA – Eu acho que... *(ela encara Odilon)* ... é verdade.

MARIA IZILDA – Eu não ouvi. Não enxergo nem escuto direito.

CHIQUINHA – O Odilon disse que depois de casado ele traiu a mulher dele uma vez.

MARIA IZILDA – Ai, não sei... Tem coisa que a gente não sabe se é verdade ou mentira. Complicado, né.

DULCE MARIA – Não pode ser verdade, porque ele amava a mulher dele. Ele me disse isso.

ENFERMEIRA MARISTELA *(à parte para Chiquinha)* – É verdade. Ele já me contou.

CHIQUINHA – Vixiii....

ENFERMEIRA MARISTELA – É, menina...complicado...

RITA – Chegou o carro?! Tá demorando muito! Vou me atrasar! Minha neta falou....

BONITINHA – Acho que é mentira, mas a gente nunca sabe, né...

CHIQUINHA – Quem falta votar?

JORGINHO – O quê?

CHIQUINHA – O queijo.

JORGINHO – Ixiii... É verdade. *(murmurando)* Cabra-safado.

CHIQUINHA – Rita?

(Rita está cochilando)

CHIQUINHA *(roendo as unhas)* – Odilon, não estou me aguentando de curiosidade! Conta! É verdade ou mentira?!?!

ODILON – É verdade!

(Emanuel entra na sala e senta no sofá.)

DULCE MARIA *(indignada)* – Como você pode fazer isso com ela? Você me disse que a amava.

VIRGINIA – Ainda bem que eu nunca tive homem...

(Emanuel arregala os olhos.)

CHIQUEINHA *(exalando serenidade)* – Calma, gente, paz e amor! Tá tudo tranquilo, tudo favorável!

(Virginia sai da sala)

DULCE MARIA *(fazendo gesto de palmada)* – Ó, Odilon, eu vou contar para a Marta.

ENFERMEIRA MARISTELA *(à Chiqueinha)* – Marta é a falecida esposa do Odilon.

ODILON *(defendendo-se)* – Isso foi só uma vez. Eu errei. Sorry. Me arrependi. Pedi perdão e ela me perdoou. Depois eu nunca mais fiz isso.

ENFERMEIRA MARISTELA *(à Chiqueinha)* – Que nada! Ele levou um pé na bunda!

DALVINA – Namorei durante dez anos um rapaz que depois veio a ser meu marido por trinta anos. No namoro, eu trai ele uma vez, mas só no namoro.

CHIQUEINHA – Vocês combinaram!? O tema de hoje é traição e ninguém me avisou?! Se eu soubesse tinha inventado uma história de traição também!

MARIA IZILDA *(divertindo-se)* – Gente, o negócio tá pegando fogo hoje!

ODILON – É mentira *(em tom de brincadeira)* mas eu não boto minha mão no fogo.

BONITINHA – Acho que ela traiu.

(Emanuel levanta e sai da sala)

ENFERMEIRA MARISTELA *(atrás de Emanuel)* – Peraí, peraí!

DULCE MARIA – Tomara que seja mentira.

(Jorginho levanta e começa a andar)

CHIQUEINHA *(com as mãos na cintura)* – Jorginho, você vai atrás do Emanuel?!

JORGINHO *(com olhar faceiro, rindo)* – Não, vou atrás da Maristela.

(Jorginho atravessa a sala. Chiqueinha o acompanha com o olhar. Ele senta-se na ponta da poltrona com as pernas juntas e as mãos sobre o joelho)

CHIQUEINHA *(levantando as mãos e olhando para o alto)* – Ai, esse homi! *(Jorginho ri)*

CHIQUEINHA *(retomando)* – Quem falta votar?

(Jorginho levanta a mão sorrindo)

CHIQUEINHA – Fala, cabra!

JORGINHO – Ah, traiu sim. Olha só a cara dela. Traiu o cabra sim.

CHIQUINHA – Ê, Jorginho! Só pérolas....

(Enfermeira Maristela retorna segurando Emanuel pelo braço, os dois sentam-se lado a lado no sofá. Virginia retorna)

CHIQUINHA – Respeitável público, senhoras e senhores, obrigada a todos pelos votos! Fazendo meus cálculos matemáticos ultra lunáticos, o placar ficou empatado! Dalvina, diga-nos a verdade ou cale-se para sempre!

DALVINA – É verdade!

JORGINHO – Hã?!

DALVINA – Foi só durante o namoro. Depois de casada, eu não traí ele.

JORGINHO – Burguer!

CHIQUINHA – Eta danado!

BONITINHA – Quem diria, hein...

(Rita acorda e com dificuldade levanta-se. Enfermeira Maristela atravessa a sala e a coloca sentada de volta. Rita fecha a cara.)

DULCE MARIA – Por que você fez isso?

ENFERMEIRA MARISTELA – Você tem que participar, Rita! Dormir é à noite!

DALVINA – Eu só traí porque fui traída.

ENFERMEIRA MARISTELA – Bala trocada não dói.

VIRGINIA – Eu arrumei um namorado quando eu tinha 25 anos. Não deu certo. Depois disso fiquei sozinha até hoje. Verdade ou mentira?

CHIQUINHA *(comemorando a iniciativa)* – Boa, garota!

DALVINA, MARIA IZILDA – É verdade!

JORGINHO – Ficou pra titia. Encalhada....

DULCE MARIA – Ela já me contou, é verdade. Só teve um namorado.

VIRGINIA – Ah, não tem graça. Acho que já contei essa história para todo mundo.

(Teca concorda balançando a cabeça.)

CHIQUINHA – Só eu não sabia que era verdade?!!

TODOS – É... sim... Talvez...

CHIQUINHA *(dramática)* – Ó céus, ó vida.... Ninguém conta nada pra mim! Sou sempre a última a saber de tudo.... #chateada

MARIA IZILDA – Ah, eu tenho um causo para contar...

CHIQUINHA *(animada)* – Adoro causos! Conta! Conta!

MARIA IZILDA *(empolgada)* – Eu namorava um rapaz que tinha um irmão gêmeo. A gente combinou de se encontrar no bailinho do bairro. Quando eu cheguei,

(*envergonhada*) beijei o meu cunhado achando que era meu namorado. E ele não me disse que era a pessoa errada. (*rindo*) Eu beijei ele a noite toda. Só depois fiquei sabendo que o meu namorado tinha ficado em casa porque tava doente. Vocês acham que é verdade ou mentira?

CHIQUINHA – Causou!

RITA – Já, já eu vou na padaria...

DULCE MARIA – Acho que não dá para errar o namorado... então, é mentira.

BONITINHA – Também acho.

EMANUEL – É....ver...da...de.

RITA (*à Chiquinha*) – Você é a Zuleide? Porque minha prima tá esperando lá fora....

VIRGINIA – Pra mim é mentira também. Onde já se viu beijar tanto tempo o cunhado sem perceber que não é a língua do seu namorado.

CHIQUINHA – Não, não, não, eu sou a Chiquinha.

RITA – Já acabou.... Não tenho mais nada para fazer aqui.

ODILON (*malicioso*) – Ela pode ter percebido a língua errada, mas gostou do erro.

(*Odilon e Jorginho gargalham*)

JORGINHO – Eu já beijei umas Maria-Flor no bailinho... ô coisa boa!

ENFERMEIRA MARISTELA – Ê, Jorginho!

MARIA IZILDA – Gente, eu juro que é verdade!

CHIQUINHA – Como você não percebeu?!

MARIA IZILDA (*divertindo-se, maliciosa*) – Ué, eles eram gêmeos, beijavam igual!

Jamelão

(*Bonitinha de frente para o público como se olhasse para um espelho*)

BONITINHA (*enrolando o turbante roxo na cabeça, cantando*) – “Quem sou eu / Pra ter direitos exclusivos / Sobre ela / Se eu não posso sustentar / Os sonhos dela” (*gritando*) Pedro!! Chegou tarde ontem, hein! (*escolhendo um batom, cantando*) “Se nada tenho / E cada um vale o que tem” (*gritando*) Pedro?! Pendura o lençol no varal da sala! (*retrucando*) Como não?! Fica dormindo aí o dia todo! (*espirra perfume no turbante*) Tenho que fazer tudo sozinha.... (*cantando*) “Quem sou eu / Pra sufocar a solidão da sua boca” (*pausa*) Você tá me ameaçando?!? Já falei... não gosto disso!

Ansiedade

(Cena ilumina a passagem de Chiquinha tentando fazer embaixadinhas com a bola. Faz duas e fica muito animada. Pega a bola e bate no chão. Mira na cesta de lixo e arremessa a bola. Faz cesta! Comemora dando uma volta olímpica)

CHIQUEINHA *(orgulhosa)* – Aprendi com o Pelé e o Michael Jordan!

ODILON – Quando eu era criança, eu jogava bola na rua.

EMANUEL *(sorrindo, com dificuldade para pronunciar)* – Eu... jo...guei....mui..tabo...la.

CHIQUEINHA – Em qual posição você jogava?

ODILON – Eu era atacante!

EMANUEL – Go..lei..ro. Eu...era...jo...vem.

CHIQUEINHA – Show! Bons tempos, hein!

(Emanuel sorri afirmativamente)

(Chiquinha demonstrando que a bola pode quicar uma vez só, joga para Emanuel. Ele devolve quicando uma vez)

CHIQUEINHA – Isso! Aí, eu jogo para outra pessoa! *(jogando a bola pra Enfermeira Maristela)* Assim! Vamos é sua vez!

(Enfermeira Maristela devolve)

RITA *(olhando intrigada para Chiquinha)* – Você é minha sobrinha?!

CHIQUEINHA – Tia?!? É você?! *(estranhando)* Que olhos grandes.... Que orelhas grandes.... Que nariz grande você tem....

Rita, não sou, mas se você quiser, eu posso ser. Vamos começar!

(Chiquinha joga bola para Jorginho, concentrado ele pega a bola com firmeza e sorri para Chiquinha, compartilhando sua satisfação com o feito)

JORGINHO *(esforçando-se para jogar a bola)* – Lá vai!

(Chiquinha pega a bola)

CHIQUEINHA – Show! *(jogando a bola para Virginia)* Sua vez!

VIRGINIA *(desencostando da poltrona e dobrando o corpo para frente para pegar a bola no chão)* – Ops!

(Virginia quica a bola para Chiquinha. Chiquinha se aproxima de Rita e joga a bola)

RITA *(segurando a bola)* – Pega a massa do pão de queijo!

CHIQUEINHA – Hummm.... Que delícia!!! Vou passar manteiga e geleia de morango no pão de queijo quentinho.... Daí derrete.... Ai, fica tão bom!

Tá com fome, Rita? (*Rita tem o olhar vazio*) Joga a bola pra mim. (*Rita olha para Chiquinha*) Tô aqui. (*Chiquinha se aproxima dela e estende os braços. Rita coloca a bola nas mãos de Chiquinha.*)

Hora de mudar: joguem a bola para quem tá do seu lado esquerdo.

(*Chiquinha entrega a bola para Odilon*)

Valendo!

(*Odilon entrega na mão de Dulce Maria. Ela derruba a bola no chão. Chiquinha pega a bola e devolve para ela. Dulce Maria tenta jogar a bola e derruba no chão de novo*)

BONITINHA (*impaciente*) – Vai logo!

RITA – Viadinho... (*pausa*) Deixa estar... você me paga! (*resmungando*) Safado, sem vergonha, filho da puta, idiota, maldito, vagabundo, burro.

(*Chiquinha faz uma ponte com os braços para Dulce Maria passar a bola para Emanuel. Ele lança a bola para Lili, mas a bola acerta a quina da poltrona e sai rolando para trás do sofá*)

LILI – Hãã... Uhhh!!

CHIQUINHA – Eu pego! Eu pego!

(*Rita resmunga muitos palavrões enquanto Chiquinha entra entre os sofás, estica o corpo e alcança a bola, mas fica presa*)

CHIQUINHA – Vixiii.... agora lascou! Tô presa! (*contorce o corpo, tenta soltar a perna, mas o esforço é em vão*)

ENFERMEIRA MARISTELA – Tô indo aí te salvar. Murcha a barriga!

CHIQUINHA – Vou prender a respiração! 1, 2, 3 e já! (*tampa o nariz com a mão livre*) (*Enfermeira Maristela empurra um dos sofás para o lado e Chiquinha consegue sair*)

CHIQUINHA (*beijando os pés de Enfermeira Maristela*) – Serei eternamente grata! (*reverenciando*) Eis aqui Chiquinha, sua mais fiel serva!

ENFERMEIRA MARISTELA (*rindo*) – Tá doida, menina, levanta daí!

CHIQUINHA – Onde estávamos?! Lili, certo?!

(*Lili segura a bola e planeja com cuidado seu lançamento para Bonitinha*)

BONITINHA – Passa!

CHIQUINHA – Uva passa?!

DULCE MARIA – Eu podia ir logo embora... 94 anos é muita coisa....

RITA – O preto fedido.... achou que podia....

BONITINHA (*menosprezando*) – Ela não tem força pra jogar.

CHIQUEINHA – Era só o que me faltava! Vamos concentrar! Continuar esse jogo, minha gente!

ODILON (*fiscalizando*) – Elas não passam a bola no seu sinal.

RITA (*tentando levantar-se*) – Sem vergonha.... Vou embora!

(*Enfermeira Maristela vai até Rita e a coloca novamente encostada no sofá. Rita tem o olhar vazio*)

DULCE MARIA – Eu já tô velha, não tenho mais o que fazer aqui, to com uma dor....

(*à Enfermeira Maristela*) – Bem, pede pra Silmara chamar o médico. Tá doendo...

(*Chiqueinha bate palma, Lili joga a bola para Bonitinha que não consegue pegar*)

LILI (*lamentando*) – Aaaahh! Pee...na!

ENFERMEIRA MARISTELA – Ela já tá sabendo.

BONITINHA (*raivosa*) – Eu só vou conseguir pegar, se ela jogar certo para mim.

(*Bonitinha levanta-se para buscar a bola*)

DULCE MARIA – Tô cansada... Você pode rezar pra Ele me levar logo?

Como é grande o meu amor por você

(*Luz ilumina a passagem de Chiqueinha atravessando um corredor carregando uma mala marrom grande, não se sabe se ela está chegando ou indo embora*)

ODILON – Guten tag! Wie geht es Ihnen?

CHIQUEINHA (*volta e entra na sala*) – Volkswagen!

ODILON – Vai viajar, Chiqueinha?!

DULCE MARIA – Eu sempre quis saber.... por que você fica falando em outras línguas?

ENFERMEIRA MARISTELA – Ele é chique, benhô!

ODILON – Thanks! Eu trabalhei em lugares finos. Tenho um gosto apurado! (*dá uma piscadinha*)

BONITINHA (*ansiosa*) – O que tem aí dentro?

CHIQUEINHA – Me mandaram embora.... Também fui despejada.... Procurei ajuda do meu irmão, ele falou que tá perigando no emprego também, mas é a mulher dele que não quer me abrigar.... O dono do açougue não quis me dar linguiça, a dona da pensão me chamou de feia, meu porquinho Zezé esqueceu de mim, bati o cotovelo na quina da porta, chutei o pé da cama... meu dedinho mindinho tá latejando até agora....

MARIA IZILDA – Tadinha....

CHIQUEINHA – Agora, eu faço um show aqui e outro ali para ganhar o meu pão.

BONITINHA – Família é muito mal-agra decida!

JORGINHO – É assim que é....

ODILON – Te mandaram embora de novo?

CHIQUEINHA – Você viu como é complicado? Nem me fala.... Meu irmão me deu um pé na bunda e agora eu carrego minha casa dentro da minha mala. Mas vamos falar dos planos! Eu comecei a fazer aula de canto, porque na vez passada nós fizemos muito sucesso no Carnaval, mas como nem tudo são flores.... Parei de fazer aula porque a professora pediu para eu escolher entre a música e o sorvete. IM-POS-SÍ-VEL ficar sem sorvete! Ela só podia estar maluca! Saí correndo antes dela terminar a frase.... Decidi investir na carreira de produtora de pessoas jovens há mais tempo. Daí eu tive uma grande ideia: contratar vocês para fazerem um grande show. Estão prontos?!

MARIA IZILDA – Ai eu tô!

(A maioria se manifesta positivamente, com exceção de Teca que está muda, e Rita está cochilando encostada na poltrona)

CHIQUEINHA – Quem gosta de cantar?

(Emílio está cabisbaixo)

EMANUEL *(sorrindo, com dificuldade para falar)* – Eu.....gosto.....mui...to.

CHIQUEINHA – Tudo bem, Emílio?

BONITINHA – Eu sou cantora profissional!

EMÍLIO – Estaria tudo bem se eu pudesse sair daqui correndo.

(Chiquinha abre a mala e retira uma mini viola de plástico azul escura e entrega a Odilon)

ODILON *(tirando sarro)* – Merci beaucoup! O dia das crianças ainda não chegou e eu já tô ganhando presentes!

(Chiquinha pega três pandeiros de brinquedo com desenhos de animais estampados, dá um para Emanuel, um para Jorginho e um para Bonitinha)

JORGINHO – Eu não sei tocar isso.

EMANUEL *(rindo)* – Nem eu...

BONITINHA *(demonstrando)* – É só batucar assim.

(Chiquinha coloca uma gravata cintilante em Teca e outra em Lili. Ambas observam a gravata no pescoço)

CHIQUINHA – Maravilha! Todos os grandes músicos já estão preparados. Hoje, arrasaremos cantando um grande sucesso: “Como é grande o meu amor por você”.

Quem canta?

(Enfermeira Maristela e Enfermeira Marilda levantam a mão)

ODILON *(alegre)* – Eu sei o refrão.

EMANUEL *(vagarosamente)* – É....o....re...frão....vai.

VIRGINIA *(rindo)* – Dá pra enganar.

ENFERMEIRA MARILDA *(animada)* – Eu sei inteira!

CHIQUINHA – Ótimo! Vamos lá! É 1, é 2, é 3 *(faz um sinal de positivo)*

(Teca está sentada com o semblante sério. Conforme Chiquinha canta, aproxima-se de Teca, que no decorrer da música esboça um sorriso e manda um beijo para Chiquinha)

TODOS – “Eu tenho tanto pra lhe falar. Mas com palavras não sei dizer. Como é grande meu amor por você. E não há nada pra comparar. Para poder lhe explicar. Como é grande o meu amor por você”

(Jorginho levanta-se e sai da sala. Enfermeira Maristela vai atrás de Jorginho. Ele fugiu?)

CHIQUINHA *(cantando para Teca)* – “Como é grande o meu amor por você”

(Os olhos de Teca brilham)

TECA *(movendo os lábios com dificuldade)* – “Como é grande o meu amor por você”

(Chiquinha segura as mãos de Teca)

(Aplausos)

EMANUEL *(radiante)* – Mui...to...obri...gado!

Água na peneira

CHIQUINHA *(abaixada, apoiando a mão no joelho de Teca)* – Oi, Teca, como você tá?

BONITINHA *(de pé em frente a Lili)* – Puta!

(Teca movendo lentamente a cabeça para olhar para Chiquinha)

BONITINHA – Vadia!

CHIQUINHA – Opa!

(Lili de olhos arregalados e fixos em Bonitinha)

BONITINHA – Eu não mereço isso.... Quem chutou a bunda da minha mãe foi o meu pai e não eu! Por que ela não mostra o rosto para mim?

CHIQUEINHA – Ela tá brincando de esconde-esconde!

(*aproxima-se de Bonitinha*) – Agora fica calma, hein?! Senão eu vou ter um enfarte, hein?! E você também! Daí vamos as duas pro hospital....

BONITINHA (*gritando*) – VOCÊ NÃO SABE DE NADA! ELA É UMA DESGRAÇADA! EU ODEIO! ELA NÃO VEM ME VER! ME LARGOU AQUI! NO FIM DE SEMANA, ELA NÃO FALA COMIGO!

CHIQUEINHA (*abraçando-a*) – Vem cá, queridona.

BONITINHA (*chorando*) – Você não sabe o quanto dói.... Minha mãe não mostrar o rosto para mim....

ENFERMEIRA MARILDA – Xiii.... Quando ela começa, não para mais...

(*Chiqueinha pega uma poesia em sua maleta*)

CHIQUEINHA – Bonitinha, eu tenho uma coisa surpreendente, incandescente, envolvente, atraente, mas não comente comumente fadado à mente. Comovente até diria eu neste instante dolente.

(*Bonitinha senta no sofá cabisbaixa. Chiqueinha tira o sapatinho e sobe de pé no sofá*)

Todos estão me ouvindo?

JORGINHO – Não, todo mundo tem cera no ouvido. Os aparelhos de audição estão todos com cera.

CHIQUEINHA – É, Jorginho. Você que tá com cera no ouvido, né?!

(*Jorginho ri*)

“Tenho um livro sobre águas e meninos.

Gostei mais de um menino que carregava água na peneira.

(*Emanuel entra na sala e senta-se no sofá*)

A mãe disse que carregar água na peneira era o mesmo que roubar um vento e sair correndo com ele para mostrar aos irmãos”

BONITINHA (*resmungando*) – Ela podia vir me visitar....

CHIQUEINHA – “A mãe disse que era o mesmo que catar espinhos na água.

O mesmo que criar peixes no bolso.

O menino era ligado em despropósitos”

(*Jorginho, o cutucador, sentado ao lado de Virginia. Ele belisca a cintura dela*)

VIRGINIA – Para de me encher!

CHIQUEINHA – “Com o tempo aquele menino que era cismado e esquisito, porque gostava de carregar água na peneira”

JORGINHO (*rindo*) – Como você é chata!

(Jorginho cutuca Virginia de novo)

CHIQUINHA – “A mãe reparava o menino com ternura”

BONITINHA – Uma desgraçada....

(Virginia divertida dá um tapa no braço de Jorginho)

CHIQUINHA – “A mãe falou: Você vai carregar água na peneira a vida toda.

Você vai encher os vazios com as suas peraltagens, e algumas pessoas vão te amar por seus despropósitos”

ENFERMEIRA MARILDA *(à Rita)* – Você já fez cocô hoje? Ou quer fazer agora?

LILI *(levantando a mão)* – Eu...

JORGINHO – ...reca!

(Enfermeiras começam a tirar algumas pessoas para levar ao banheiro e outras já se encaminham para o refeitório.)

VIRGINIA – Para de falar besteira, homi!

JORGINHO – Larga do meu pé, chulé!

CHIQUINHA *(cantando)* – “É o amor! Que mexe com a minha cabeça e me deixa assim...”

(Virginia, rindo, dá um tapa na coxa de Jorginho)

VIRGINIA – Você viu como eu sofro?!

(Enfermeira Maristela está empurrando a cadeira de Emílio, Dona Silmara sai do corredor e se dirige à porta de saída)

ENFERMEIRA MARISTELA – Silmara, a Dulce Maria ainda tá falando da dor.

DONA SILMARA *(debochando)* – Ah, Maristela! Você caiu na conversa dela denovo?!

O doutor já deu remédio. Agora é coisa da cabeça dela. Deixa eu ir que eu to atrasada
(Sai de cena)

TV

(Dulce Maria e Chiquinha estão sós)

DULCE MARIA – Eu já tentei me matar três vezes tomando comprido, mas não deu certo.... Uma pena.... Você pode me ajudar?

(Dulce Maria olha para a televisão que está muda. Uma funcionária passa, desliga a televisão e coloca o controle remoto numa poltrona)

DULCE MARIA – A única coisa que eu faço é assistir televisão....

(Chiquinha pega o controle remoto e segura-o debaixo do vestido)

CHIQUINHA – Respeitável público! Senhora e senhora! Com você, uma grande mágica incrível. Uma tradição milenar! Um poder surpreendente! Repita comigo as palavras mágicas: Sim Sa La Bim Pim Pim.

(Dulce Maria não tem expressão, fita olhos na Chiquinha)

CHIQUINHA – 1, 2, 3.... SIM SA LA BIM PIM PIM! *(movimenta o braço em direção à TV)* Televisão ligue sim!!!

(A televisão volta a funcionar. Dulce Maria olha para a tela)

DULCE MARIA – Você pode aumentar o volume? Sempre fica tão baixo, eu não ouço nada...

(Cena acontece no plano de fundo: funcionária pega furtivamente dois rolos de papel higiênico e um pacote de farinha e coloca na sua bolsa)

CHIQUINHA – SIM SA LA BIM....

DULCE MARIA – PIM PIM....

CHIQUINHA *(estende a mão livre em direção a TV)* – Aumente o volume assim!

(O programa de TV passa ser audível)

DULCE MARIA – Você é a Carmem, amiga da minha filha Juliana?

CHIQUINHA – Não, eu sou a Chiquinha palhaça.

DULCE MARIA – Ah, achei que você tinha notícia da Juliana.... Ela e o marido me deixaram aqui há três anos atrás.... Dez?! Falaram que vinham me visitar, mas nada ainda.... Ela falou que vinha, mas não aparece.... Ela mora aqui pertinho, mas o marido é um chato. Acho que é por isso que ela não vem, mas obrigada. Talvez ela venha amanhã....

O bobo

– De fora, você não vê nada. A porta está aberta. Muito escuro. Não dá vontade de entrar. Me lembro quando eu era criança, meus amigos diziam que o bicho papão morava embaixo da minha cama. Lá era muito escuro.... E aí quando você passa pela porta. Você fica alguns segundos assim até o olho acostumar. Daí você enxerga uma mulher de perfil sentada, num corredor mal iluminado.... E vem uma, e mais uma e outra.... Quando você se aproxima, vê que há outras mulheres ao lado, também sentadas. Parece uma longa fila de espera. Alguns olhos encontram os seus, outros estão voltados para a televisão muda, para o chão, para a parede. Uma longa fila de espera.... Quando você sai, não consegue olhar para trás.... Mas é preciso.... Quais são teus planos? Não houve despedida entre nós.

CONCLUSÃO

Nas instituições, Chiquinha colaborou com uma integração maior entre as pessoas. Ali a palhaça ajudou a aliviar tensões e liberar sentimentos de afeto quase apagados. Isso aconteceu efetivamente durante esses encontros, nessas brincadeiras, mas talvez hoje seja uma lembrança fugaz para aqueles que estão vivos. Porém, isso também acontecia nos limites de uma liberdade controlada, com regras, condições e expectativas impostas direta ou indiretamente pela equipe dirigente. Por um lado, esse controle se justificava pelo medo de uma instabilidade imprevisível dos idosos, uma preocupação com sua “integridade” física. Por outro, representava um controle repressivo de conduta. A participação de Chiquinha teve de passar pela aprovação prévia de modo a não colocar em risco a imagem institucional.

Se na dramaturgia viva Chiquinha não pôde radicalizar sua atuação para não comprometer a continuidade do trabalho – o trabalho presencial ponderou questões que extrapolavam o âmbito artístico aceitando o risco do lado do poder – já no texto dramatúrgico houve uma liberdade completa de criação. O texto *Casa escancara* essa situação, expõe o exercício do poder da instituição sobre os moradores e revela as relações entre eles, os funcionários e uma palhaça. Talvez aí a ambiguidade subversiva da comicidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERGSON, Henri. **O Riso: ensaio sobre a significação do cômico**. Tradução de Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: 2ª. ed. Zahar Editores, 1983.
- BOBBIO, Norberto. **O tempo da memória: De senectude e outros escritos autobiográficos**. Tradução de Daniela Versiani. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- BOLOGNESI, Mário Fernando. **Palhaços**. São Paulo: Editora Unesp, 2003.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de velhos**. 13ª Edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- FELLINI, Federico. Clown. In: TERMINE, Liborio (Org.). **Storia del comico e del riso: Itinerari antologici nella cultura e nell'arte**. Testo & Immagine, 2003.
- GAULIER, Philippe. **O atormentador: minhas ideias sobre teatro**. Tradução de Marcelo Gomes. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2016.
- GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo, Editora Perspectiva, 2008.
- JONES, Justine; KELLEY Mary Ann. **Drama Games & Improvs: Games for the classroom and beyond**. U.S.A.: Pioneer Drama Service, 2007.
- JUNG, CG. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Tradução de Maria Luíza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- PETRIGNANI, Sandra. **Vecchi**. Roma-Nápolis: Theoria, 1994 apud BOBBIO, Norberto. **O tempo da memória: De senectude e outros escritos autobiográficos**. Tradução de Daniela Versiani. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- PROPP, Vladímir. **Comicidade e Riso**. Tradução de Aurora Fornoni Bernadini e Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Ática S.A., 1992.
- RESENDE, H. Política de saúde mental no Brasil: uma visão histórica. In: TUNDIS, Silvério & COSTA, Nilson R. (org.) **Cidadania e loucura, políticas de saúde mental no Brasil**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1987 apud CARDOSO, Rozane Silva. **O jogo clownesco e suas significações no cotidiano asilar**. Dissertação de Mestrado. Programa em Ciência do Movimento Humano. Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, RS, 2001.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- ADAMS, Patch. **Patch Adams: o amor é contagioso**. Tradução Fabiana Colasanti. Rio de Janeiro: Sextante, 1999.
- BACHTIN, Michail. L'immagine grottesca del corpo. In: TERMINE, Liborio (Org.). **Storia del comico e del riso: Itinerari antologici nella cultura e nell'arte**. Testo & Immagine, 2003.
- BARASCH, Frances K. **The Grotesque: A Study in Meanings**. Hague: Mouton, 1971.
- BERTHOLD, Margot. **História Mundial do Teatro**. Tradução de Maria Paula v. Zurawski, J. Guinsburg, Sérgio Coelho e Clóvis Garcia. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- BHARATAMUNI. **The Natyasastra: a treatise on Hindu Dramaturgy and Histrionics**. Translated by Manomohan Ghosh. Vol. I. Calcutta: Asiatic Society of Bengal, 1951.
- BHARATAMUNI. **The Natyasastra**. Translated by Adya Rangacharya. New Delhi: Munshiram Manoharlal Publishers, 2007.
- CARDOSO, Rozane Silva. **O jogo clownesco e suas significações no cotidiano asilar**. Dissertação de Mestrado. Programa em Ciência do Movimento Humano. Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, RS, 2001.
- CASTRO, Alice Viveiros de. **O elogio da bobagem: palhaços no Brasil e no mundo**. Rio de Janeiro, RJ: Editora Família Bastos, 2005.
- CHAPLIN, Charles. Il comico, un atto involontario. In: TERMINE, Liborio (Org.). **Storia del comico e del riso: Itinerari antologici nella cultura e nell'arte**. Testo & Immagine, 2003.
- CHEKHOV, Michael. **Para o ator**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2003.
- CIPPICIANI, Irani da Cruz. **Abhinaya: a construção de um corpo narrativo: o elemento expressivo do teatro e da dança na Índia**. Dissertação (mestrado). Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, 2014.
- CRUZ, Hugo (coord.). **Arte e Comunidade**. Tradução de Sônia Passos. Porto: Fundação Calouste Gulbenkian, 2015.
- DESGRANGES, Flávio. **A inversão da olhadela: alterações no ato do espectador teatral**. São Paulo, SP: Hucitec, 2012.
- DUARTE, Regina Horta. **Noites circenses: espetáculos de circo e teatro em Minas Gerais no século XIX**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995.

- ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. Tradução de Gilson Cesar Cardoso de Souza. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- FO, Dario. **Manual Mínimo do Ator**. Tradução de Lucas Baldovino e Carlos David Szlak. São Paulo: Senac, 1998.
- FREUD, Sigmund. Il motto e le specie del comico. In: TERMINE, Liborio (Org.). **Storia del comico e del riso: Itinerari antologici nella cultura e nell'arte**. Testo & Immagine, 2003.
- GOMES, Ricardo. A tradição do ator entre Oriente e Ocidente. **Revista Sala Preta**. São Paulo, v. 5, p. 39-46, 2005.
- HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura**. Tradução de João Paulo Monteiro. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- JOHNSTONE, Keith. **Impro: improvisation and the theatre**. London: Eyre Methuen, 1981.
- LARROSA, Jorge. Experiência e alteridade na educação. **Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul**. Tradução de Maria Carmem Silveira Barbosa e Susana Beatriz Fernandes, v.19, n2, p.04-27, jul./dez. 2011.
- MASETTI, Morgana. **Boas misturas: a ética da alegria no contexto hospitalar**. Ilustrações Paulo Von Poser. São Paulo: Palas Athena, 2003.
- PASOLINI, Pier Paolo. Gag e maschera. In: TERMINE, Liborio (Org.). **Storia del comico e del riso: Itinerari antologici nella cultura e nell'arte**. Testo & Immagine, 2003.
- REMY, Tristan. **Clown scenes**. Translated from the French and with a foreword by Bernard Sahlins. Chicago: Ivan R. Dee, 1997